

Ana Marques Canello

Jogos Teatrais na Educação: Desafios

SÃO PAULO

2011

Ana Marques Canello

Jogos Teatrais na Educação: Desafios

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência parcial para aprovação no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Vitória Helena Cunha Espósito e co-orientação da Prof^a. Ms. Suzana Brasiliense Carneiro

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

SÃO PAULO

2011

Cancello, Ana.

Jogos Teatrais na Educação: Desafios / Ana Marques Cancello orientadora Vitória Helena Cunha Espósito e co-orientadora Prof^a. Ms. Suzana Brasiliense Carneiro.

Trabalho de Conclusão de Curso – Pontifícia Universidade Católica – São Paulo, 2011.

1. Arte-Educação 2. Jogo Teatral 3. Educação

Ana Marques Cancello

Jogo Teatral na Educação: Desafios

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo .

Aprovado em ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. _____

Prof. _____

Prof. _____

Dedico aos meus pais pela educação que me deram honestidade, respeito e amor. Pelos caminhos que me abriram, ensinando a fazer minhas escolhas e apoiando-me sempre. Pelo companheirismo em minha jornada, acreditando em mim. Sem vocês nada disso teria acontecido. Amo vocês e tenho orgulho de dizer isso. Muito obrigada!

Ao meu marido, amigo e companheiro Fabrício de Lima, sempre ao meu lado, acreditando no meu potencial, alertando-me em alguns momentos, junto, sempre! Obrigada meu amor!

Meu filho lindo, Renato, meu orgulho, pelo bom humor, pelo carinho eterno, um amor indescritível, obrigado meu menino!!

AGRADECIMENTOS

Minha mãe querida, companheira, melhor amiga, pelo apoio e pelas incansáveis escutas.

Meu pai em especial, pela força e investimento no meu curso de educação.

Sem meus pais nada disso teria acontecido.

Meu marido pela paciência e companheirismo neste caminho.

Minha orientadora Dra. Vitória Helena Cunha Espósito pelo incentivo desde o começo na ideia do meu TCC. Pela dedicação, cumplicidade e acolhimento no desenvolvimento deste trabalho. Por acreditar em mim e apoiar-me na pesquisa de campo. Por separar um pouco de seu escasso tempo para transmitir sua experiência .

A Profa. Ms. Suzana Brasiliense Carneiro, por estar sempre nas orientações, dando dicas, escutando, trocando vivências, contribuindo para a pesquisa.

Minha queridíssima amiga e parceira Larissa Orlow, pelas incansáveis escutas nos meus momentos de aflição, de medo, nas conquistas, auxiliando-me com dicas preciosas. Obrigada amiga!

A diretora da EMEF Amorim Lima, Ana Elisa Siqueira. Por acreditar em meu trabalho e abrir as portas da sua escola para minha pesquisa.

A coordenadora Renata Camargo Cortese Baroukh, com os apoios e a colaboração em minhas aulas, verificando disponibilidades de sala, som, além de permanentemente escutar-me nas dificuldades e nas conquistas com meus meninos.

Ao inspetor Alan, por escutar-me, trocar experiências, trazer bom humor, ajudando-me a ir atrás dos meninos para minha aula, auxiliando-me sempre que necessário.

Aos meus amigos por me darem apoio e torcerem por mim.

Aos meus alunos, sem eles não haveria essa pesquisa. Propiciaram experiências que jamais esquecerei.

A todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para este trabalho, um grande abraço desta, agora sim posso dizer, “Arte-Educadora”.

RESUMO

Essa pesquisa/intervenção tem como foco principal responder a questão: Como o jogo teatral pode favorecer o trabalho na escola? Para tanto tracei um panorama de fundo da arte educação no Brasil, focando a história do teatro na educação. Apresentei alguns autores dos jogos teatrais, especificando os materiais utilizados, as didáticas, os procedimentos de ensino. Desenvolvi e relatei os trabalhos de natureza prática com um grupo de sete alunos (meninos) de 11 à 13 anos de idade com dificuldades de aprendizagem e atitudinais. Este trabalho acha-se inserido no âmbito dos estudos do Grupo de Pesquisa Educação e Produção do Conhecimento (CNPq-PUC-SP) e Cátedra Joel Martins e tem como *lócus* de pesquisa uma EMEF **Desembargador Amorim Lima**, escola municipal de ensino fundamental localizada em São Paulo. Para tanto, Inicialmente apresentei um marco-teórico com autores nacionais e internacionais sobre o jogo teatral, assim como as concepções e métodos, que influenciaram a prática proposta. Na sequência, através da pesquisa exploratória com os alunos, busquei conhecer a realidade das crianças e a partir dos seus interesses desenvolvi exercícios/oficinas. As atividades desenvolvidas foram diversificadas, como: jogos de coordenação motora, jogos teatrais, dança e artes plásticas. As aulas forma desenvolvidas na própria escola, na sala, uma vez por semana, sempre com música. Surpreendi-me ao ir para a prática e ver que o teatro não seria o primeiro caminho como eu planejava. O grupo mostrou-se através de seus movimentos corporais, seus gestos, suas falas: a dança. Para alcançá-los precisava permear seus interesses. Conversar com o grupo não era fácil, tinham dificuldade em canalizar suas energias, batiam-se o tempo todo, subiam nas mesas, jogavam cadeiras e mesas no chão, gritavam pela janela, jogavam objetos, não se escutavam. Por tanto o diálogo não seria a primeira fase do trabalho, e sim, comunicação corporal, mais precisamente a dança. As crianças implicaram com o repertório musical que eu trouxe na primeira e segunda aula; gostavam mesmo era de funk. Respeitei suas escolhas, porém trouxe um funk diferente do habitual deles, mas com a mesma batida. Animados, poderíamos falar a mesma língua, mesmo eu sendo adulta e professora, uma autoridade para eles. Assim, fomos aos poucos nos conhecendo, nos entendendo. Perceberam que eu não estava ali como inimiga, ou alguém colocando-os para baixo, mas alguém que queria trabalhá-los, acreditava no potencial do grupo. Aos poucos conheci seus interesses e até mesmo conversei sobre as suas confusões em que se meteram na escola. Essa pesquisa mostrou-me a riqueza que é a mescla das diferentes áreas artísticas, e como é possível usá-las na prática do educador. O tempo foi curto, precisava de mais, o que planejava principalmente do jogo teatral não foi possível fazer. Mas as conquistas como: trabalhar em grupo, fazerem duplas, escutarem-se, olharem-se, a auto estima, foram visivelmente importantes. Para mim, foi difícil e desafiador. Foi importante olhá-los, esquecer um pouco dos meus interesses e partir para os deles. Sentir o grupo, perceber aonde podemos pisar, conquistá-los, para assim falarmos a mesma língua, a arte.

Palavras-chaves: Arte-educação; Jogo teatral; Educação

Abstract

Keywords: Art education, theatrical game; This research education / intervention is focused to answer the question: How does the theatrical play can promote their work in school? For this picture I drew a background of art education in Brazil, focusing on the history of drama in education. Authors have presented some of theater games, specifying the materials used, the teaching, the teaching procedures. Developed and reported the practical work with a group of seven students (boys) 11 to 13 years old with learning difficulties and attitudinal. This work finds itself placed under the Inter-institutional studies of the Chair Joel Martin, based in the Faculty of Education at PUC-SP and its locus of research EMEF Judge Amorim Lima, public school elementary school located at Rua Professor Vicente Peixoto, 50, Indian Village, California. For this, first introduced in March, a theorist with national and international authors on the theatrical play, as well as the concepts and methods, which influenced the proposed practice. Following through exploratory research with students, I sought to know the reality of children and their interests from the developed exercises / workshops. The activities were varied, such as coordination games, theater games, dance and visual arts. The classes form developed at the school, the room once a week, always with music. I was surprised to go to practice and see that the theater would not be the first path as I had planned. The group showed me through his body movements, their gestures, their speech: the dance. Needed to achieve them permeate their interests. Talking to the group was not easy, had difficulty channeling their energies, they beat all the time, climbed on the tables, throwing chairs and tables on the floor, shouted out the window, threw objects, not listening. Therefore the dialogue would not be the first phase of work, and yes, body language, specifically dance. Involved with the repertoire that I brought in the first and second class, for they could not. Would really love to funk. Respect their choices, but brought a funk different from their usual, but with the same beat. Excited, we speak the same language, even though I am an adult and a teacher, an authority to them. So we gradually became acquainted, we understand. Realized that I was not there as an enemy, or someone putting them down, but someone who wanted to work them, believed in the potential of the group. Gradually met their interests and even talked about the confusion who got in school. This research showed me the wealth that is the blending of different artistic fields, and how you can use them. Time was short, I needed more, they planned mainly playing theater was not possible. But the achievements such as: working together, doing double, listen up, look up, self esteem, were clearly important. For me, it was difficult and challenging. How important was watching them, forget a little of my interests and go for them. Feeling the group, see where we can step, conquer them, so as to speak the same language, art.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.	Jogo do bastão em grupo	69
Figura 2.	Jogo do bastão - luta	70
Figura 3.	Jogo dos números	90
Figura 4.	Jogo dos números	91
Figura 5.	Percussão corporal	92
Figura 6.	Desenhando sua personagem	103
Figura 7.	Desenhando sua personagem	104
Figura 8.	Desenhando sua personagem	105
Figura 9.	Desenhando o corpo do colega	106

SUMÁRIO

1	.Introdução	1
2	.Objetivo	5
3	.Metodologia	5
4	.O Caminho da Arte Educação	6
5	.Jogo, Teatro e Representação no seu Tempo Histórico	20
6	.O Jogo Teatral na Educação do Brasil	24
7	.O Jogo Dramático	28
8	.O Funcionamento do Jogo Teatral de Viola Spolin	32
9	.Minhas aulas	46
10	.Conclusões	125
11	.Referências Bibliográficas	133

1. INTRODUÇÃO

Parece que estou vendo a cena agora. Teatro Municipal, meu pai, Marco Canello, flautista, eu, sentada com ele junto com os músicos, pequenininha, passando em vários colos, muitos beijos na minha bochecha e, claro, apertões, porque todo adulto gosta de dar um apertãozinho de leve na bochecha de uma criança. Observava todos os instrumentos, um mais lindo que o outro, brilhantes, escutava de perto seus sons, agudos, graves, diferentes tipos de violinos, de baixos, de sax, trompetes, até mesmo a flauta que poderia ser transversal ou piccolo, entre muitos outros. Via partituras e mais partituras, o respeito e a potência do maestro, toda organização da orquestra. Eram muitos músicos.

Começava: instrumentos sendo afinados. Silêncio. A respiração dos músicos. Então... O concerto. Era maravilhoso, emocionante, lindo!

Tive essa experiência lá dentro do Municipal muitas vezes. Em outras, ficava sentada na plateia daquele teatro enorme, gigante, todo folheado a ouro, tapete vermelho. Me sentia importante. Podia sentar-me em diferentes lugares, e orgulhava-me de ver meu pai ali, dentro daquela magia, fazendo graça para mim, tocando “pica-pau” com o piccolo nos momentos em que os músicos podiam afinar seus instrumentos e tocar o que bem entendessem. Como o piccolo é um instrumento bem agudo e forte, eu escutava perfeitamente. Escondia-me debaixo da cadeira, levantava aos poucos morrendo de vergonha, mas ao mesmo tempo orgulhosa, dando tchau, feliz!

Mais encantador ainda foi quando tive o contato com a ópera. Aí sim, fiquei apaixonada. Olhava aqueles cantores passando de cima para baixo com figurinos dos mais diferentes tipos, ceroulas, roupas medievais. Pessoas passando correndo, fios, objetos, tudo passava de um lado para outro, perucas, maquiagens, era lindo

tudo aquilo. Fantástico! Como num passe de mágica o cenário apareceu, descendo, os contrarregras trabalhando, fazendo a magia acontecer, maravilhoso, gigante, um novo mundo estava apresentando-se para mim. Foi lá, naquele mundo que me encantei com o cênico.

Durante toda minha infância fiz oficinas de teatro, adorava, me identificava, apareciam sentimentos. Era o momento de me soltar, de entrar em contato comigo, com outros colegas, outros sentimentos, era hora de sensibilizar, mexer o corpo, desinibir, era onde eu gostava de estar. Prestava atenção nos professores, admirava-os, era assim que me sentia criança. O teatro me ajudou muito a enfrentar as dificuldades da vida.

Adolescente me afastei um pouco do teatro, tive meu filho logo, aos dezoito anos. Pensava que o teatro não seria mais possível na minha vida, me sentia um pouco desiludida, parecia que era um mundo distante, que não me pertencia mais. Foi quando chegou aquele momento crucial na vida do adolescente em que ele precisa decidir “o que será quando crescer”. Pensei em decoração, mas nada me satisfazia, estava confusa. Meu pai falou para fazer a inscrição em uma escola de Teatro chamada Célia Helena. O Célia para mim era distante demais, havia um teste, livros para ler. Seria impossível com um bebê dar conta de tudo aquilo e ser aprovada. Meus pais me convenceram e disseram para eu fazer o teste, e se não passasse tudo bem... passei! Entrei para um mundo e me encontrei novamente.

Em 2005, estava formada, atriz. Trabalhei em peças de adulto como atriz, como assistente, como operadora de som. Fiz também várias peças infantis e lá vi a euforia das crianças, como é gostoso! Como é interessante contar aquela história para uma porção delas: interagindo, torcendo, avisando dos perigos, rindo, chorando, cantando, batendo palmas, fazendo comentários impagáveis! Então,

ingressei também no mundo das contações de histórias. Fiz então a inscrição para um projeto de contação da Cooperativa Paulista de Teatro, Apresentei um projeto e, por incrível que pareça, passei. Era um projeto que eu achava que não receberia nada, um trabalho voluntário. Mas não, fui patrocinada por um banco, recebia, e bem por sinal. Cumpri o compromisso durante dois meses, todos os últimos domingos do mês no Trianon Masp, mais precisamente na Alameda das Flores. Eu teria de fazer uma contação de história com o tema “oito objetivos para mudar o mundo”. Um dia era “fome”, outro domingo era sobre 'o trabalho infantil', doenças transmissíveis...

Foi um belo desafio porque ainda era na rua, sozinha, público bem diversificado. Adorei o trabalho! Isso me levou a fazer cursos de contação de histórias. Iniciei então um trabalho para contar, uma vez por semana, na creche “Vila Monumento”. Era perto da minha casa. O trabalho era passar em todas as salas e fazer a contação. Foi muito gratificante. Quando as crianças me viam, gritavam meu nome, ficavam eufóricas, queriam abrir meu baú, ver o que tinha dentro, me davam milhões de abraços e beijos. Durante um ano pude perceber como as crianças mudaram em relação a arte. A partir de daquilo, passei a pensar ainda mais como a arte é fundamental para a educação. Nas minhas contações sempre levo o livro da história para ter essa conexão entre literatura e arte. É importante apresentar o autor, dizer que existem coisas ainda mais interessantes que não contei, mas só se encontra no livro. Um incentivo para a leitura e com material simples, que se transforma em personagens, como: panos, potes, bolinhas, meias... Materiais que soltem sua imaginação e possam fazer isso em casa se quiserem. Na maioria das histórias, preparo uma trilha sonora para ambientar. Passei a fazer várias contações, e comecei a desenvolver oficinas nessas apresentações, e com os temas relacionados da história. Isso para que as crianças levassem um pouco do que

havam escutado. Foi aí que comecei a sentir a necessidade de fazer a Pedagogia, para entender melhor aqueles pequenos. Em 2007, fui chamada para executar um trabalho nas conferências regionais de Aricanduva (Biblioteca Municipal Paulo Setúbal), Santana (Unisau) e Sapopemba (CEU Rosa da China). Foi um trabalho sócioeducativo (adolescentes em conflito com a lei, com a escola e com as famílias), buscando nas oficinas problemas e soluções através do lúdico, com brincadeiras, conversas e teatro. Por isso me apaixonei e vi o quanto a arte é importante para a educação. Fui fazer PUC, educação, e cá estou defendendo os jogos dramáticos como fundamentais para a educação.

2. OBJETIVOS

Essa pesquisa/intervenção tem como foco principal responder a questão:
Como o jogo teatral pode favorecer o trabalho na escola?

Para tanto pretendemos:

- traçar um panorama de fundo da arte educação no Brasil, focando a história do teatro na educação;
- apresentar alguns autores dos jogos teatrais na educação, especificando os materiais utilizados, as didáticas, os procedimentos de ensino com as crianças;
- desenvolver e relatar alguns trabalhos de natureza prática.

3. METODOLOGIA

Na sequência, por meio da pesquisa exploratória com os alunos do EMEF Amorim Lima, busquei conhecer a realidade das crianças e, a partir dos temas sociais levantados pelos grupos, desenvolver exercícios/oficinas. As atividades desenvolvidas foram diversificadas, tais como: jogos esportivos, jogos de coordenação motora, sensoriais, dramáticos e teatrais. Considero que o ambiente físico deve estimular, excitar e inspirar. Uma sala ampla, um som, se possível alguns acessórios, e figurinos são de grande valia. Este trabalho encontra-se inserido no âmbito dos estudos da Cátedra Interinstitucional Joel Martins, com sede na Faculdade de Educação da PUC-SP e tem como *lócus* de pesquisa uma escola municipal, de ensino fundamental localizada na Zona Oeste da unidade de São Paulo. Para tanto, inicialmente apresentarei um marco-teórico com autores nacionais e internacionais sobre o jogo teatral, assim como as concepções e métodos, que influenciaram a prática proposta.

4. O CAMINHO DA ARTE EDUCAÇÃO NO BRASIL, SEGUNDO ANA MAE BARBOSA

A arte desenvolveu-se sob influência de John Dewey, filosoficamente interpretadas através do educador Anísio Teixeira. Anísio foi um grande modernizador da educação no Brasil, e principal personagem do Movimento Escola Nova na década de 30. A ideia era usar a arte para ajudar a criança a organizar e fixar noções apreendidas em outras áreas de estudos. Utilizar por exemplo de uma aula sobre peixes, explorando o assunto em diversos aspectos, desenhando o peixe, fazendo trabalhos manuais com as escamas. Esse foi um dos modelos da Escola Nova. Essa prática é usada ainda hoje no Brasil na escola de educação infantil e ensino fundamental I, baseada na ideia de que a arte pode ajudar na compreensão dos conceitos.

Na década de 30 começaram a aparecer escolas especializadas em arte para crianças e adolescentes. Em São Paulo, surge a Escola Brasileira de Arte, regida por Theodoro Braga, onde crianças de 8 a 14 anos poderiam estudar gratuitamente música, desenho e pintura. A orientação era vinculada à estilização da fauna e da flora brasileira.

Uma orientação na livre expressão e no espontaneísmo só se iniciaria nas aulas que Anita Malfatti (1860-1964), em 1930, mantinha em seu atelier e com o curso para crianças, criado na Biblioteca Infantil Municipal pelo departamento de Cultura de São Paulo quando Mário de Andrade era seu diretor (1936-1938). A contribuição de Mário foi muito importante para o processo pictórico da criança com critérios mais científicos e à luz da filosofia da arte. O estudo comparado do espontaneísmo e da normatividade do desenho infantil e da arte primitiva era o ponto de partida de seu curso de Filosofia e de História da Arte na Universidade do

Distrito Federal. Dirigiu também uma pesquisa sob a influência dos livros e do cinema na expressão gráfica livre da criança de 4 a 16 anos de classe operária e de classe média, alunos dos parques infantis e da Biblioteca Infantil de São Paulo. Seus artigos foram muito importantes para a contribuição da valorização da atividade artística da criança como linguagem complementar, como arte desinteressada e como exemplo de espontaneísmo expressionista a ser cultivado pelo artista. As atividades artísticas desenvolvidas no México tiveram grande influência no Brasil.

De 1937 a 1945, o estado político ditatorial implantado no Brasil entravou o movimento da arte educação e implantou alguns procedimentos como: o desenho geométrico na escola secundária e na escola primária, o desenho pedagógico e a cópia de estampas usadas para as aulas de composição da Língua Portuguesa.

Em 1947, apareceram ateliers para crianças pelo Brasil, geralmente orientados por artistas que tinham a intenção de captar a livre expressão da criança sem interferência de um adulto. Uma espécie de neoexpressionismo que dominou a Europa e os Estados Unidos do pós-guerra em que o Brasil se inspirou após ter saído do sufoco ditatorial.

Em 1948, surgiu o Movimento **Escolinha de Artes do Brasil**, no Rio de Janeiro, por iniciativa do artista pernambucano Augusto Rodrigues (1913-1993), da artista gaúcha Lúcia Alencastro Valentim (1921) e da escultora norte-americana Margareth Spencer (1914). Por estarem ligados a Alcides da Rocha Miranda e Clóvis Graciano, logo o movimento recebeu aprovação e o incentivo de educadores envolvidos no Movimento de redemocratização da educação como Helena Antipoffe e Anísio Teixeira, que retornara da Amazônia, onde se refugiara e chegara a conseguir ser um próspero empresário. A Escolinha, que colocava o foco nas distintas expressões artísticas (dança, pintura, teatro, desenho, poesia etc.), voltada

fundamentalmente para o público infantil. O filósofo e teórico da arte Herbert Read (1893 - 1968) e Victor Lowenfeld fornecem as principais inspirações para a Escolinha de Artes do Brasil, a qual vinha já há alguns anos preparando turmas de professores de diversos Estados para o ensino da educação através da arte. Com a implantação da Lei, o Serviço Nacional de Teatro, sob orientação de Orlando Miranda, resolveu, a fim de melhorar um pouco a situação, contratar alguns especialistas em Teatro na Educação e ministrar cursos intensivos, com a colaboração das secretarias de Educação de diversos Estados - com o objetivo de dar aos professores que estavam trabalhando na área alguma base para desenvolver um trabalho eficiente, e que se baseasse nos conceitos mais avançados de Teatro na Educação, e ainda fugisse da ideia errônea de montagem de pecinhas com as crianças ou a organização de festinhas para comemorar datas cívicas.

Depois de iniciar os cursos de formação de professores, a Escolinha de Artes do Brasil teve uma enorme influência multiplicadora. Professores, ex-alunos da Escolinha criaram outras escolinhas de arte por todo o Brasil, com 32 unidades, a maioria delas particulares, oferecendo curso de artes para crianças e adolescentes e cursos de arte educação para professores e artistas. Usando argumentos psicológicos, as Escolinhas começaram a convencer a escola comum da necessidade de deixar a criança se expressar livremente usando lápis, pincel, tinta, argila, etc. Naquele momento pareciam vagas as palavras, uma vez que os programas editados pela Secretaria da Educação e Ministério de Educação, deveriam ser seguidos pelas escolas, tolhendo a autonomia do professor.

Houve uma preocupação em renovar estes programas. Lúcio Costa foi chamado para elaborar um programa de desenho da escola secundária (1948),

porém este programa nunca foi oficializado pelo Ministério da Educação e só passou a influenciar o ensino em 1958.

Neste ano de 1958, uma Lei Federal permitiu e regulamentou a criação de classes experimentais. A presença de arte nos currículos experimentais foi a tônica geral, com a exploração de uma variedade de técnicas de pintura, desenho, impressão, etc. Os professores se referiam a importância de respeitar as etapas de evolução gráfica da criança.

Noêmia Varela, criadora da Escolinha em Recife e posteriormente diretora técnica da Escolinha de Arte do Brasil, através dos cursos intensivos de arte educação que organizava no Rio, foi a grande influenciadora do ensino da Arte em direção ao desenvolvimento da Criatividade, que caracterizou o Modernismo em Arte Educação. Três mulheres fizeram das Escolinhas a grande escola modernista do ensino da arte no Brasil: Margareth Spencer, Lúcia Valentim e Noêmia Varela. Após a morte do pai de Noêmia Varela, Augusto Rodrigues conseguiu convencê-la a deixar sua cidade, uma cadeira na Universidade Federal de Pernambuco, a própria Escolinha de Arte do Recife e rumar para o Rio de Janeiro. Ela passou a ser a orientadora teórica e prática da Escolinha com total responsabilidade pela programação na qual se incluía o já citado Curso Intensivo em Arte-educação que formou toda uma geração de arte-educadores do Brasil e muitos da América Latina Espanhola.

A visibilidade de Augusto Rodrigues foi muito maior do que essas três mulheres, assim como foi maior que sua própria ex-mulher Suzana Rodrigues, criadora do Club Infantil de Arte do Museu de Arte de São Paulo, no mesmo ano de 1948, meses antes de Augusto criar a Escolinha.

Margaret Spencer foi apagada da história da arte-educação do Brasil. Noêmia Varela foi quem ficou mais tempo na Escolinha, mais 20 anos. Hoje, graças ao Movimento feminista, ela tem seu merecido lugar na história da arte-educação do Brasil.

Augusto Rodrigues era carismático, sedutor, frequentemente usava sua expulsão da Escola como exemplo da ineficácia do sistema escolar, pois fora bem sucedido na sociedade apesar disso, fazendo as jovens professoras, desiludidas do sistema, delirarem. Por outro lado, suas boas relações com a burguesia ou a alta classe, protegeram a Escolinha de suspeitas de atitudes esquerdistas no período da Ditadura Militar (1964-1982).

Na década de 1960 e início de 1970, alguns livros foram publicados sobre artes plásticas na escola, escritos por brasileiros, todos com a sistematização desenvolvida por apostilas da Escolinha de Arte do Brasil. As técnicas mais utilizadas eram: lápis de cera, anilina, varsol, desenho de olhos fechados, impressão, pintura a dedo, mosaico de papel, recorte, colagem coletiva sobre papel preto, carimbo de batata, bordado criador, desenho raspado, desenho de giz molhado, etc.

A Lei de Diretrizes de base (1961), eliminando a uniformização dos programas escolares, permitiu a continuidade de muitas experiências iniciadas em 1958, mas a ideia de introduzir arte na escola comum de maneira mais extensiva não frutificou.

Durante a Ditadura Militar, vários professores foram perseguidos e Escolas experimentais desmontadas. Até escolas de educação infantil foram fechadas. A partir daí, a prática de arte nas escolas públicas primárias foi denominada em geral pela sugestão de tema e por desenhos alusivos a comemorações cívicas, religiosas

e outras festas. No nível universitário foi destruída a experiência renovadora da Universidade de Brasília, onde se realizou em 1965 o primeiro encontro de Arte-educação em uma universidade do Brasil. Entretanto, por volta de 1969 a arte fazia parte do currículo de todas as escolas particulares de prestígio seguindo a linha metodológica de variação de técnica. Eram, apesar disso, raras as escolas públicas que desenvolviam um trabalho de arte. Nas escolas públicas, manteve-se o desenho geométrico com conteúdo quase idêntico ao Código Epitácio Pessoa de 1901.

No fim da década de 1960 e início de 1970, em escolas especializadas em ensino de arte começaram a dar lugar a algumas experiências com intuito de relacionar os projetos de arte de classe de crianças e adolescentes com o desenvolvimento dos processos mentais envolvidos na criatividade (Escolinha de Artes de São Paulo). Paulo Freire teve influência social nesse movimento.

A Lei Federal que tornou obrigatório artes nas escolas, não pode assimilar, como professores de artes os artistas que tinham sido preparados pela Escolinha, porque a partir da 5ª série exigia-se o grau universitário que a maioria deles não tinha. Então, o Governo Federal decidiu criar um novo curso universitário para preparar professores para a disciplina Educação Artística criada pela nova lei. Os cursos de arte-educação nas universidades foram criados em 1973, compreendendo um currículo básico, que poderia ser aplicado em todo Brasil. O currículo de Educação Artística na Universidade pretendia preparar um professor de artes em apenas dois anos, que fosse capaz de lecionar música, teatro, artes visuais, desenho, dança e desenho geométrico, tudo ao mesmo tempo, da 1ª à 8ª série e, em alguns casos, até o segundo grau.

Nós temos aproximadamente 78 cursos de licenciatura em Educação Artística nas faculdades e universidades do Brasil, distribuindo diplomas a arte-educadores. A maioria deles com duração de dois anos.

Somente no Estado de São Paulo nós temos 39 cursos. Poucas universidades, principalmente públicas, como a Universidade de São Paulo, recusam-se oferecer curso de dois anos, optando por um curso de quatro anos, possível através da regulamentação do Ministério da Educação, seguindo entretanto, um currículo mínimo estabelecido, que ela não considerava adequado para preparar professores capazes de definirem seus objetivos e suas metodologias.

Segundo Ana Mae Barbosa, que de março a julho de 1983 entrevistou 2.500 professores de artes de escolas de São Paulo, todos mencionaram o desenvolvimento da criatividade como o primeiro objetivo de ensino. Para aqueles que enfatizaram artes visuais, o conceito de criatividade era espontaneidade, auto liberação e originalidade, e eles praticavam o desenho no seu ensino; para aqueles que lecionavam principalmente canto coral, criatividade era definida como auto liberação e organização. A identificação da criatividade como espontaneidade não é surpreendente porque é uma compreensão de senso comum da criatividade. Os professores de artes não têm tido a oportunidade de estudar as teorias de criatividade similares nas universidades porque estas não são disciplinas determinadas pelo currículo mínimo. Nas universidades que estendem currículo além do mínimo, tendo exatamente 11 currículos, ela não encontrou nenhuma disciplina ligada ao estudo da criatividade, exceto na Universidade de São Paulo. Na USP, um curso intitulado Teoria da Criatividade foi lecionado de 1977 a 1979 para alunos de artes, nas áreas de cinema, música, artes plásticas e teatro.

Em 1977, o MEC, diante do estado de indignação do ensino da arte, criou o PRODIARTE – Programa de Desenvolvimento Integrado de Arte-Educação. Dirigido por Lúcia Valentim, seu objetivo era integrar a cultura da comunidade com a escola, estabelecendo convênios com órgãos estaduais e universidades. No início de 1979, 17 unidades da Federação tinham iniciado a execução de projetos ligados ao PRODIARTE. Em muitos casos dominou o populismo. Os programas de maior consciência foram levados a efeito entre 1978 nos Estados da Paraíba (convênio com a Universidade Federal da Paraíba e Secretaria de Educação), Rio Grande do Sul (convênio com DAC-SEC) e Rio de Janeiro (convênio com a Escolinha de Arte do Brasil e SEC-RJ).

Objetivo geral do PRODIARTE:

- concorrer com a expansão e a melhoria da educação artística na escola de no 1º grau.

Objetivos específicos:

- enriquecer a experiência criadora de professores e alunos;
- promover o encontro entre o artesão e o aluno;
- valorizar o artesão e a produção artística junto a comunidade.

Houve o primeiro encontro Latino Americano de Arte Educação (1976-77), o qual reuniu cerca de 4 mil professores no Rio de Janeiro, onde ficou demonstrada a ausência e a carência de pesquisas sobre o ensino da arte.

Assim continuava o ensino nas artes visuais, o ensino de desenho geométrico, o “laissez-faire”, temas banais, folhas para colorir, a variação da técnica de desenho de observação, os mesmos métodos, procedimentos e princípios ideológicos encontrados em uma pesquisa feita em programas de ensino de artes 1971 a 1973. Evoluções não tem lugar em salas de aula nas escolas públicas. O

sistema educacional não exige nota em artes, porque arte-educação é concebida como uma atividade, mas não como uma disciplina de acordo com as interpretações da Lei Educacional 5692. Algumas escolas exigem nota a fim de colocar artes no mesmo nível de importância com outras disciplinas, e nestes casos o professor deixa as crianças se auto avaliarem ou as avalia a partir do interesse, bom comportamento e da dedicação ao trabalho. As visitas a exposições são raras e em geral pobremente preparadas. A viagem de ônibus é mais significativa para as crianças do que a apreciação as obras de artes. A fonte mais frequente de imagem para as crianças é a TV, os fracos padrões de desenho para colorir. As crianças das escolas públicas, a maioria, não têm revista para olhar, tendo o acesso à TV constante.

No ano de 1983 houve uma campanha para uma Nova Constituição que libertaria o País do regime autoritário. A Constituição da Nova República de 1988 menciona cinco vezes as artes no que se refere à proteção de obras, liberdade de expressão e identidade nacional. Na seção sobre educação, artigo 206, parágrafo II a Constituição determina:

“O ensino tomará lugar sobre os seguintes princípios(...) II – liberdade para aprender, ensinar, pesquisar e disseminar pensamento, arte e conhecimento.”

Essa é uma conquista dos arte educadores que pressionaram e persuadiram alguns deputados que tinham a responsabilidade de delinear as linhas mestras da Nova Constituição. Os arte-educadores são politicamente ativos no Brasil.

Em 1982 a AESP (Associação de Arte educadores de São Paulo) foi criada como a primeira associação estadual e foi seguida pela ANARTE (Associação de Arte-educadores do Nordeste), compreendendo oito estados do Nordeste, AGA (Associação de Arte-educadores do Rio Grande do Sul), APAEP (Associação de Profissionais de Educação no Paraná), e outras. Essas associações criaram em

1988 a Federação Nacional sediada pelos próximos dois anos seguintes em Brasília. A SOBREART, sob nova presidência, também pertence a Federação Nacional. Essas associações são fortes batalhadoras por melhores condições de ensino de arte, negociando com a Secretaria da Educação e Cultura, o Ministério da Cultura, legisladores e líderes políticos.

A preocupação das associações era a politização dos arte-educadores, como ocorreu em 1980 em São Paulo, sob domínio de um político de direita. Paulo Maluf tocava piano e usava isso para manipular os arte-educadores. A ideia de Maluf era usar os professores, com estímulo de que ao final do ano, seus alunos, cerca de 10 mil crianças, cantariam músicas de natal em um estádio de futebol, com o próprio político tocando piano. Como prêmio, os professores que preparassem suas crianças teriam 5 pontos de acesso à carreira docente, quando um mestrado valia 10 pontos. Naquele momento não havia maneira de lutar contra esse abuso da arte-educação. A única solução foi criar a Associação de Arte Educadores de São Paulo que, aliada a Associações de Corais, foi vitoriosa na sua primeira luta, conseguindo anular a promessa de maior salário para os professores que participassem do Coral do Maluf no estádio do Pacaembu. A festa ocorreu, mas ninguém saiu ganhando, dado o absurdo que aquilo representava.

Essa Associação fortificou os arte-educadores e já em 1982/83 foi criada na Pós-Graduação em Artes a linha de pesquisa em arte-educação na Universidade de São Paulo constando de Doutorado, Mestrado e Especialização, com orientação de Ana Mae Barbosa.

Após a Ditadura Militar cursos de atualização e treinamento foram financiados pelo Governo para professores de artes nas escolas públicas.

Os cursos de apreciação artística foram baseados na decodificação do meio ambiente estético da cidade (da música de compositores populares locais, num projeto de lazer na cidade, pintores e escultores locais, grupos de dança, etc)

Os cursos da Universidade de São Paulo passam a preparar os seres humanos para desenvolver a sensibilidade e criatividade através da compreensão da arte durante suas vidas inteiras. Outra ideia sustentada pelos mesmos cursos é que todas as atividades profissionais envolvidas com a imagem (TV, publicidade, propaganda, confecção, etc) e com o meio ambiente produzido pelo homem (arquitetura, moda, mobiliário, etc) são melhores desenvolvidas por pessoas que têm algum conhecimento de arte. Essas duas ideias lideram a organização dos cursos de arte na USP para professores de escolas primárias e secundárias da Secretaria de Educação e então a inclusão de não somente pinturas, esculturas, desenho, mas também design ,TV e vídeo.

Outro programa para recuperação da educação que deu grande importância à arte foi o programa para a alfabetização (1º e 2º série) do GEMPA no Rio Grande do Sul, um grupo não governamental financiado através de projetos da UNESCO, fundação Ford, etc. Baseado na linha pedagógica de Emília Ferreiro, utilizam a arte para formação de conceitos, catarse e desenvolvimento de habilidade motora.

Outro programa interessante era formada por alguns projetos de arte-educação financiados por Fazendo Artes da FUNARTE, uma Fundação Nacional pelas Artes do Ministério da Cultura. Esses projetos enfatizam arte comunitária para crianças, adolescentes e professores de artes.

Em 1987 a Bienal de São Paulo criou um recurso da Fundação VITAE, um programa de preparação de professores de arte em apreciação artística, culminando em ateliers para os alunos destes professores na XIX Bienal. Um acompanhamento

do trabalho em sala de aula dos que participaram do projeto permitiu continuidade do processo. Uma porcentagem pequena de professores acreditavam na necessidade de ensinar arte através da arte, imagem através da imagem.

Ana Mae Barbosa em 1987 fez um programa de arte-educação no Museu de Arte Contemporânea (MAC), um trabalho prático com história da arte e leitura de obras. Uma metodologia variada de acordo com o conhecimento anterior do professor, podendo ser estética, semiológica, iconológica, seguida nos princípios da Gestalt, etc. Com cuidado para não transformar a leitura de uma obra de arte em um simples questionário, a pintura em um outro discurso, às vezes silencioso, gráficos, às vezes verbal. A ideia era construir uma metalinguagem da imagem. Estudos baseados em Louis Marin, Jean-Louis Schefer, Oscar Morina, Maria Elena Jubrias, Edmundo Burke Feldman, Harry Broudy, J. Broowski, Rudolf Arnheim, etc. Contextualizando a obra de arte no tempo, explorando suas circunstâncias, mostrando a então chamada evolução das formas artísticas, a arte não é isolada de nosso cotidiano, de nossa história pessoal. Não é separada da economia, política e dos padrões sociais. As obras de arte estabelecem conexão com manifestações culturais.

O financiamento de um atelier por algumas corporações tornou possível oferecer às crianças os melhores materiais artísticos à disposição no Brasil, incluindo uma máquina de xerox. Estas condições especiais, aliadas a uma coleção de 5.000 obras de arte com obras significativas da arte moderna francesa, italiana e latino americana, estimularam os arte-educadores do MAC. Porém alguns deles ao visitarem o Museu ficaram chocados com a reinterpretação de obras de artistas pelas crianças, acusando-os de impor restrições ao processo criativo. Foi aí que Ana Mae Barbosa decidiu então fazer uma pesquisa para investigar a reação de

professores de arte para com a introdução de imagens no ensino da arte e a produção infantil sob as influências desta imagem. Organizou palestras a fim de convencer os arte educadores do seguinte:

1º) que se o artista utiliza imagens de outros artistas, por que sonegar imagens às crianças;

2º) se nós preparamos as crianças para lerem imagens produzidas por artistas, estamos preparando-as para ler as imagens que as cercam em seu meio ambiente;

3º) a percepção pura da criança sem influências de imagens não existe realmente, uma vez que está provado que 80% de nosso conhecimento informal vem através da imagem;

4º) no aprendizado artístico, a mimese está presente no sentido grego, procura pela similaridade e não como cópia;

A palestra despertou grande interesse na audiência, as pessoas faziam perguntas, mas ninguém discordou das informações.

O Movimento Escolinha de Artes perdeu a luta contra o poder das Universidades nos anos 1970, e a célula materna do Movimento, a Escolinha de Arte do Brasil no Rio de Janeiro, perdeu credibilidade depois de uma mudança política interna na década seguinte, que afastou por idiossincrasias pessoais os melhores mestres daquela entidade.

Em 1997 o Governo Federal estabeleceu os PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), dirigidos por um educador espanhol, no qual foi desconsiderado todo o trabalho de revolução curricular que Paulo Freire desenvolveu quando Secretário Municipal de Educação (1989-90) com vasta equipe de consultores e avaliação permanente.

A educação bancária, que Paulo Freire dizia, ronda a arte-educação hoje.

As associações de arte-educadores continuam atuando, mas perderam muito sua força. Um novo veículo de intercomunicação dos professores tem sido a internet. Por iniciativa de Ana Maria Schultz e Jurema Sampaio o grupo, “Arte Educar”, foi criado na internet e tem aglutinado os arte-educadores, apresentando trabalhos em congressos e finalmente criando uma revista. Além de boletins de Associações só circularam no Brasil duas revistas nacionais de arte-educação. O primeiro número da revista Arte & Educação, editada pela Escolinha de Arte do Brasil, circulou nas décadas de 1960 e 1970. A última revista, Arte, produzida por professoras da escola de Comunicações e Arte da USP circulou no início da década de 1980.

5. JOGO, TEATRO E REPRESENTAÇÃO NO SEU TEMPO HISTÓRICO, SEGUNDO OLGA REVERBEL

Pensadores e educadores vêm há muito tempo percorrendo diversos caminhos na tentativa de encontrar aquele que realmente coloque a arte à serviço da educação.

A educação grega (século v a.C), valorizava o teatro, a música, a dança e a literatura;. Platão considerava o jogo fundamental na educação. Dizia que não importava a idade da criança, todos deveriam participar do jogo adequado a seu nível de desenvolvimento, pois sem essa ludicidade não se tornariam adultos educados e bons cidadãos. Dizia também que a educação deveria deixar a criança livre , de maneira lúdica, sem constrangimentos, para desenvolver bem o seu caráter.

Aristóteles, como Platão, deu grande destaque ao jogo na educação, pois acreditava que educar era preparar para a vida, proporcionando ao mesmo tempo prazer. Para os romanos, o teatro era uma imitação que teria um propósito educacional se pudesse ensinar lições morais. Horácio considerava o teatro uma forma não só de entretenimento mas também de educação: “Todo louvor obtém o poeta que une informação com prazer, ao mesmo tempo iluminando e instruindo o leitor”.

Na Idade Média (sec. V - XV d. C), durante um longo período, o teatro foi condenado severamente pelos senhores da igreja, fundamentando-se em três

fatores: o mimo romano satirizava a igreja; os costumes pagãos continham um elemento mimético e dramático; o pensamento neoplatônico estabelecia um conflito entre o mundo e o espírito. Havia por tanto três fortes objeções: uma emocional, uma religiosa e uma filosófica.

Carlos Magno, coroado rei do Sacro Império Romano-Germânico, por volta do século IX, fundou escolas e monastérios por toda a Europa, a partir dos quais ocorreram mudanças gradativas. Os trabalhos de Aristóteles foram novamente estudados e o teatro foi reavaliado. São Tomás de Aquino adaptou a filosofia aristotélica à fé católica, dando então aprovação plena à representação, desde que ela fosse recreação pura. O ensino do teatro propagou-se pelas escolas. Por cinco séculos, as encenações dos mistérios e das moralidades propiciaram as massas sua educação.

Na Renascença (após o séc. XV), surgiram numerosas academias, onde os estudiosos das obras clássicas encenavam peças latinas. Os membros dessa academia tornaram-se professores, e o teatro na escola começou a florescer. Cultivava-se a arte de falar, realizada através de diálogos. Os espetáculos escolares passaram a ser muito valorizados.

Rabelais criou 316 jogos para “exercitar a mente e o corpo”. Além disso introduziu o teatro, a dança, o canto, a modelagem, a pintura, o estudo da natureza e os trabalhos manuais nas escolas da França.

Nas escolas inglesas, o estudo dos clássicos e as atividades artísticas, sobretudo as dramáticas, eram consideradas excelentes recursos para o aprendizado da linguagem.

Da metade do século XVI à metade do século XVII, o teatro, atacado pelos puritanos, era apenas tolerado nas escolas, e ainda com a imposição de ser moralmente sadio e apresentado somente em latim. Na última metade do século XVI, com a expulsão dos puritanos, a educação tornou-se mais liberal., incluindo-se nas escolas inglesas, a exemplo da França, teatro e dança para as meninas.

Filósofos em diversas épocas da história destacaram a importância do ensino das artes na escola através de jogos de expressão. “Jogos de criança não são suporte e deveriam ser sua mais séria ocupação”, afirmava Montaigne.

Leibniz apoiava o teatro com a condição de que fosse instrutivo. Era de opinião que a melhor tragédia purificava a autocompaixão e produzia o altruísmo. Para Locke, o conhecimento advinha da percepção dos sentidos, estando implícita a ideia de que a arte deveria ser prática.

Para Rosseau, cujo pensamento influenciou as teorias Fröbel, Pestalozzi, Montessori e Dewey, a primeira fase da educação da criança deveria ser quase inteiramente baseada em jogos: “Ame a infância; estimule seus jogos, seus prazeres, seus encantadores instintos. Considere o homem no homem e a criança na criança. A natureza deseja que as crianças sejam crianças antes de serem homens. Se tentarmos inverter a ordem, produziremos frutos precoces , que não terão nem maturação nem sabor, e logo estarão estragados” (Reverbel 2006).

Com a teoria evolucionista de Darwin, acrescentou-se uma base científica às observações de Rosseau e Fröbel. Hoje, sabe-se que a criança é um ser em desenvolvimento e, que cada fase do seu crescimento pode ser estimulado pelo jogo, que é para a criança prazer, trabalho e essência da vida. Essa repercussão por uma educação ativa foi imensa em muitos países, no Brasil, esse movimento ficou conhecido como A Escola Nova, defendida por Anísio Teixeira. A sistematização de

uma proposta do ensino para o teatro, por meio dos jogos teatrais, foi elaborada primeiramente por Viola Spolin, nos anos 70.

Souza (2003), considera a educação de um modo lato, como algo que tem como objetivo a formação equilibrada da personalidade e que é efetuada através do estabelecimento dos laços inter-relacionais que o indivíduo estabelece com o mundo de sua cultura. A arte como todos os elementos culturais faz parte da educação, influenciada conforme o contexto social de cada um. Portanto, sempre houve arte na educação, nestas circunstâncias, desde a pré-história aos nossos dias, por diferentes povos e culturas, cada uma com seu tipo de educação e, portanto, com suas representações teatrais, específicas: protocolos políticos, rituais religiosos, cerimônias sociais, no dia a dia de cada ser humano. O autor relata que o teatro esta sempre presente na vida humana. Em cavernas da Europa e da América podem-se ver pinturas pré-históricas representando homens vestidos de animais, em cenas que poderão ter tido caráter religioso ou lúdico, mas que patenteiam um modo de representação , um desenho de papéis fictícios.

6. O JOGO TEATRAL NA EDUCAÇÃO DO BRASIL

“Aprendemos através da experiência, e ninguém ensina nada a ninguém”

Viola Spolin

O ensino do Teatro educação escolar básica nacional foi formalmente implantado há cerca de trinta anos no âmbito dos conteúdos abrangidos pela matéria Educação Artística, oferecida obrigatoriamente por força da Lei 5692/71.

Somente a partir da década de 1970 incrementaram-se os estudos e investigações a respeito das inter-relações entre Teatro e Educação no País, especialmente com a formação do grupo paulista de pesquisadores nesta área, numa iniciativa da professora Ingrid Dormien Koudela, da Escola de Comunicação e Artes da Universidade do Estado de São Paulo. Embora formalmente instituído no Brasil há pouco mais de duas décadas os estudos sobre as inter-relações entre teatro e educação já contam com uma expressiva e significativa produção acadêmica. No entanto, o que se conseguiu apurar até aqui é que são ainda pouco numerosos os trabalhos neste campo do conhecimento que utilizam a abordagem histórico-cultural do desenvolvimento inaugurada por Vygostsky como raia teórica para análise das práticas teatrais. Grande parte dos estudos que se propuseram a analisar e discutir o papel do Teatro para o desenvolvimento cognitivo, numa perspectiva psicopedagógica, elege como referenciais teóricos as abordagens cognitivista de Jean Piaget e psicodramática de J.L.Moreno.

A partir dos anos 1990, no Brasil, o pensamento Vygotskyano passou a ter mais atenção no meio educacional, conseqüentemente, os estudos sobre a dimensão pedagógica do Teatro passaram a serem vistos como um novo paradigma do funcionamento mental humano. Conhecer a abordagem - histórico cultural do desenvolvimento e incorporá-la ao exame de questões que dizem respeito ao ensino de Teatro e Educação.

A sistematização de uma proposta para o ensino de Teatro, em contextos formais e não formais de educação, através de jogos teatrais, foi elaborado pioneiramente por Viola Spolin, atriz, professora e diretora de teatro norte-americana. Viola ao longo de quase três décadas de pesquisas (junto a estudantes, profissionais de teatro, professores, alunos do ensino fundamental e médio, em programas educacionais de crianças portadoras de necessidades especiais, em cursos para o estudo de idiomas, religião, psicologia em centros de reabilitação de crianças delinquentes) utilizou a estrutura do jogo com regras como base para o treinamento de teatro. Constatou que seu sistema de jogos teatrais era um processo aplicável em qualquer campo. Ambicionava libertar a criança e o ator amador de comportamentos de palco mecânicos e rígidos. Seus esforços resultaram no oferecimento de um detalhado programa de oficinas de trabalho com linguagem teatral. Sua técnica permite, sobretudo, reivindicar o espaço do teatro como conteúdo relevante na formação do educando. Este trabalho pedagógico permite que o aluno experimente o fazer teatral (quando estão a jogar), desenvolva a apreciação e a compreensão estética da linguagem cênica (alguns assistem e outros jogam), contextualize historicamente seus enunciados estéticos, principalmente quando fazem a avaliação coletiva e sua auto avaliação. No jogo teatral, o grupo de sujeitos que joga pode se dividir em equipes, que se alternam nas funções de

“jogadores” e de “observadores”, isto é, os sujeitos jogam deliberadamente enquanto outros os observam. Na ontogênese, o jogo dramático (faz de conta) antecede o jogo teatral. Essa passagem do jogo dramático ao jogo teatral, ao longo do desenvolvimento cognitivo e cultural do sujeito, pode ser explicada como uma transição muito gradativa que envolve o problema de tornar manifesto o gesto espontâneo e depois levar a criança a decodificação do seu significado, até que ela utilize conscientemente, para estabelecer o processo de comunicação com a plateia.

Diferentemente do jogo dramático, o jogo teatral é intencional e especificamente dirigido para uma plateia que assiste. Porém, tanto no jogo dramático como no jogo teatral, o processo de representação dramática ou simbólica no qual se envolvem os jogadores, desenvolvem-se na ação improvisada quando os papéis de cada jogador não são estabelecidos a priori, mas emergem das interações que ocorrem com os indivíduos envolvidos durante o jogo.

A base de sua proposta pedagógica em procedimento do teatro improvisacional interagiu com o movimento de renovação cênica do Teatro (do qual participou Moreno), repercutindo intensamente no meio educacional brasileiro, sobretudo a partir dos anos 1970, após a experimentação de seu sistema de jogos teatrais pelo grupo de pesquisadores da ECA-USP em teatro educação, liderados por Ingrid Koudela, responsável pela tradução brasileira do livro de Viola Spolin, *Improvisação para o Teatro*, publicada pela editora Perspectiva, 1979.

O Sistema de jogos teatrais de Viola Spolin é uma das principais referências teórico práticas para o ensino de Teatro, um dos caminhos mais acessíveis para educadores de várias áreas do conhecimento enriquecerem sua pedagogia com o suporte lúdico e artístico de atividades teatrais.

A finalidade do jogo teatral na educação escolar é o crescimento pessoal e o desenvolvimento cultural dos jogadores por meio do domínio da comunicação e do uso interativo da linguagem teatral numa, perspectiva de improvisação ou lúdica. O princípio do jogo teatral é o mesmo da improvisação teatral, ou seja, a comunicação que emerge da espontaneidade das intenções entre sujeitos engajados na solução cênica de problemas de atuação.

7. O JOGO DRAMÁTICO

Durante os primeiros anos de vida a criança se comunica através do choro, este mostra suas sensações de frio, calor, fome, dor. Essas primeiras manifestações são percebidas pelos pais, que buscam saciar suas necessidades rapidamente. A medida que ela cresce, essas expressões vão modificando-se, a criança passa a comunicar-se de diferentes formas, até chegar à linguagem, (M. Ponty O corpo fala linguagem é cultural). A linguagem do corpo dá início ao salto, ao gesto, sons, ruídos, garatujas, diferentes formas e descobertas de comunicar-se com o mundo e não somente com seus pais. Assim, a criança desenvolve seu pensamento cognitivo, psicomotor e afetivo. Pouco a pouco, os saltos, as garatujas vão se transformando em mímicas, danças, cantos, desenhos, modelagens. O jogo lúdico muda espontaneamente para o jogo dramático. Esse movimento ocorre principalmente na escola, onde as crianças convivem com outros grupos, vivenciam uma nova sociedade, trabalham sua autonomia. Provavelmente lá ela terá suas descobertas sobre si mesma, do outro e do mundo. É muito importante nesta fase que o professor deixe a criança vivenciar o seu espontâneo, o que permitira ela exteriorizar sua personalidade. Caso isso não ocorra, possivelmente essa criança será bloqueada, causando talvez uma timidez, agressividade, falta de fluência verbal e gestual, dificuldades de relacionamentos com o companheiro e outros sinais.

Esta espontaneidade está ligada à orientação do professor. Este jamais poderá deixar a criança constrangida, atuar por imposição, pelo contrário, deverá deixar que

ela percorra livremente seu caminho, suas descobertas, dando-lhe carinho, conforto, acolhimento. Quando isso ocorre com naturalidade o aluno expressa seus sentimentos e sensações sem medo de censura.

A aprendizagem das atividades de expressão artística fundamentam-se no binômio espontaneidade e técnica. Tendo adquirido um certo domínio das técnicas de expressão, o aluno fará uso delas na medida em que a auxiliarem a expressar-se e comunicar-se aos outros pensamentos, sentimentos e sensações. Nessa etapa de aprendizagem, o aluno busca sem cessar um equilíbrio entre sua espontaneidade e a técnica; entre a expressão do eu e o conhecimento do outro.

A palavra teatro tem sua origem no vocábulo grego theatron, que significa “local de onde se vê” (plateia). A palavra drama, também da língua grega, quer dizer, “eu faço, eu luto” (Peter Slade, 1978). No jogo dramático entre sujeitos (faz de conta) todos são fazedores da situação imaginária, todos são “atores”.

O jogo dramático infantil é uma forma de arte por direito próprio; não é uma atividade inventada por alguém, mas sim o comportamento real do ser humano. É a maneira da criança pensar, relaxar, comprovar, trabalhar, lembrar, ousar, experimentar, criar, absorver. Nessas brincadeiras teatrais infantis existem momentos de caracterização e situação emocional tão nítidos, que fazem surgir uma nova terminologia “jogo dramático” (1978). E criança especialmente as menores, deve ser feita uma distinção muito cuidadosa entre drama no sentido amplo e teatro como entendido pelos adultos. Teatro significa uma ocasião de entretenimento ordenada e uma experiência emocional compartilhada; há atores e públicos, diferenciados. Mas a criança ainda ilibada, não sente tal diferenciação, particularmente nos primeiros anos – cada pessoa é um tanto ator como auditório. Esta é a importância da palavra drama no seu sentido original, da palavra grega

drao - “eu faço, eu luto”. No drama, e, no fazer e lutar, a criança descobre a vida e a si mesma descobre a si mesma através de tentativas emocionais e físicas e depois através de práticas repetitivas, que é o jogo dramático. As experiências são emocionantes e pessoais e podem se desenvolver em direção a experiência de grupo. Mas nem na experiência pessoal nem na experiência de grupo existe qualquer consideração de teatro no sentido adulto, a não ser que nós ponhamos. (Slade, 1978).

Podemos citar duas qualidades importantes no drama: absorção, estar absorto é estar totalmente envolvido no que está fazendo, com exclusão de quaisquer outros pensamentos, incluindo a percepção ou o desejo de um auditório. Sinceridade é uma forma completa de honestidade no representar um papel, trazendo consigo um sentimento intenso de realidade e experiência, que só é atingido totalmente no processo de atuar, representar, com absorção. Essas qualidades devem ser estimuladas o tempo todo, pois são de extrema importância para o indivíduo em crescimento. Essas qualidades começam a emergir mesmo nos estágios mais precoces das duas formas de jogo, jogo pessoal e jogo projetado.

Jogo projetado é o drama no qual é usada a mente toda, mas o corpo não é usado tão totalmente. Usam-se tesouros (bonecas, tijolo, papel, jornal velho) que: ou assumem caracteres da mente ou se tornam parte do local (palco no sentido teatral), onde o drama acontece. No jogo projetado típico não vemos o corpo inteiro sendo usado. A criança para quieta, deita, senta, deita de costas, usa principalmente as mãos. A tendência é para a quietude mental e física. É mais evidente nos estágios mais precoces da criança pequena, que ainda não esta pronta para usar seu corpo totalmente.

Jogo pessoal é o drama óbvio, a pessoa inteira ou o eu total é usado. Caracteriza-se por movimentos e caracterizações, danças e a experiência de ser coisas ou pessoas. No jogo pessoal a criança perambula pelo local sobre si está a responsabilidade de representar um papel. A tendência é para o barulho, o esforço físico por parte da pessoa envolvida; se o barulho não é usado esforço é. O jogo pessoal desenvolve a qualidade da sinceridade, pela fé absoluta no papel representado. O jogo pessoal pode ser começado aos cinco anos de idade, quando a criança tem mais domínio sobre seu corpo.

Esses dois precoces tipos de jogo exercem uma influência importante na construção do homem, em todo o seu comportamento e na sua capacidade de adaptar-se à sociedade.

A partir do jogo projetado, podemos esperar desenvolver mais tarde: as artes plásticas, tocar instrumentos musicais, o amor pela pesca, jogos e esportes não violentos (do mais primitivo até o xadrez), o ler e o escrever.

A partir do jogo pessoal podemos esperar o desenvolvimento posterior de: corrida, jogo de bola, atletismo, dança, ciclismo, natação, luta, etc. A liderança pessoal é desenvolvida.

8. O FUNCIONAMENTO DO JOGO TEATRAL DE VIOLA SPOLIN

Conhecer mais os diferentes tipos de jogos teatrais contribuem para a construção do saber, e possibilita a relação entre Teatro e Educação. A investigação de pré-adolescentes nas situações de jogos possibilita a coleta de informações relevantes para a compreensão do papel no Teatro no desenvolvimento cultural do ser humano e fornece pistas importantes para a implementação de projetos pedagógicos escolares que pretendam demarcar o espaço das artes em seus componentes curriculares, valorizando-as como forma superiores de ação e funcionamento mental humano. O jogo instiga e faz emergir uma energia do coletivo quase esquecida, pouco utilizada e compreendida, muitas vezes depreciada.

Os alunos agem durante a improvisação das cenas, resolvem o problema cênico num jogo teatral. As questões diretamente ligadas ao seu universo surgem de um modo que seja explicitamente ligado às suas relações cotidianas, ou seja, metaforizado por meio do imaginário simbólico e ou fantasioso. Surgem no “aqui e agora”, no momento em que improvisam a cena. Ou seja, o universo do aluno é trabalhado de forma artística. Dentro do campo de ação delimitado pelas regras de cada jogo, o aluno pode manifestar sua individualidade sem correr o risco de confundir ficção com realidade.

Spolin sugere que o processo de atuação no teatro deve ser baseado na participação em jogos. Por meio do envolvimento criado pela relação de jogo, o participante desenvolve liberdade pessoal dentro do limite de regras estabelecidas e cria técnicas e habilidades pessoais necessárias no jogo. (...) As regras do jogo incluem as estruturas (Onde, Quem e O quê) e o objetivo (Foco) mais o acordo de grupo.

Os três pontos essenciais do Jogo Teatral são: foco, instrução e avaliação.

Foco

O foco é o problema essencial do jogo que é solucionado pelos participantes. Todos têm um problema, que necessita de resolução em conjunto a partir de diferentes pontos de vista. É ele que coloca o movimento do jogo. Ele não é o objetivo do jogo. O esforço em permanecer com o foco e a incerteza sobre o resultado diminui preconceitos, cria apoio mútuo e gera envolvimento orgânico no grupo.

O foco permite que o instrutor descubra a criatividade muitas vezes oculta no desempenho escolar do aluno.

Instrução

A instrução guia os jogadores em direção ao foco, gerando interação, movimento e transformação. Faz com que os jogadores retornem ao foco quando estes se distanciarem (por exemplo: permaneça com o olho na bola! Mostre, não conte!). Além de colocar o instrutor professor dentro do jogo como parceiro.

O interessante da voz da instrução é deixar que o grupo escute-a, mas não perca seu olhar no jogo, continue jogando. A instrução é sempre coletiva e não individual.

Avaliação

Não é julgamento. Não é crítica. A avaliação deve nascer do foco, da mesma forma como a instrução. Quando um jogador ou grupo, trabalha no foco, todos os outros jogadores que fazem a plateia compartilham o jogo. Aquilo que foi comunicado ou percebido pelos jogadores na plateia é então discutido por todos durante a avaliação. Muitas vezes é a oportunidade para o professor e os jogadores emitirem sua opinião sobre “a maneira certa” de fazer algo. Não assuma nada, avalie apenas o que você acabou de fazer. As palavras “certo”, “errado”, “bom”, “mal”, finalmente darão lugar a outras formas de expressar-se. Eu não estava vendo o que ele estava fazendo”, “Ela não se movimentou como um boneco o tempo todo”, “Ele não compartilhou sua voz conosco”. Quando as perguntas de avaliação são baseadas no problema “foco”, nenhum jogador é ridicularizado, menosprezado, manipulado e a confiança nos parceiros de jogo cresce. A parceria é formada e todos são libertos para assumir responsabilidade sobre sua parte ao praticar o jogo.

Nessa metodologia, o aluno experimentando diferentes papéis, como expectador – plateia, ator- jogador exercita o fazer, ler, contextualizar. O aluno aprende a emitir comentários ou indagações que tratam objetivamente de aspectos ligados ao foco, ao invés de cair em avaliações subjetivas como: “gostei” ou “não gostei”. O aluno avança no fazer teatral e ao mesmo tempo acostuma-se a ouvir avaliações sobre o próprio trabalho desenvolvido em cena, sem implicações negativas, com aprovações ou desaprovações.

A Experiência criativa do jogo de Viola Spolin:

Viola afirma que todas as pessoas são capazes de atuar no palco. Todas as pessoas são capazes de improvisar. As pessoas que desejarem são capazes de jogar e aprender a ter valor no palco. Aprendemos sempre por meio de experiências. Se o ambiente permitir, pode-se aprender qualquer coisa e, se o indivíduo permitir, o ambiente lhe ensinará tudo. “Talento” ou “falta de talento” tem pouco a ver com isso.

É no aumento da capacidade individual para experimentar que a infinita potencialidade de uma personalidade pode ser evocada. Experimentar é envolver-se totalmente, organicamente, intelectualmente, fisicamente e intuitivamente. Dos três, a intuição é o mais vital para a situação de aprendizagem, mas muitas vezes negligenciado. Quando uma experiência se realiza no nível do intuitivo, quando a pessoa trabalha além de um plano intelectual constricto, ela esta realmente aberta para aprender. O intuitivo responde ao imediato – no aqui e no agora. Através da espontaneidade somos re-formados em nós mesmos. A espontaneidade cria uma explosão que por um período nos liberta em um momento de liberdade pessoal, funcionamos organicamente, é descoberta de experiência e de expressão criativa.

Para o intuitivo ocorrer, é necessário um ambiente no qual a experiência se realize, uma pessoa livre para experimentar uma atividade que faça a espontaneidade acontecer.

Alguns pontos importantes dos aspectos da Espontaneidade

Jogos:

O jogo é uma forma natural de grupo que propicia o envolvimento e a liberdade pessoal necessários para a experiência. Durante o jogo, o jogador é livre para

alcançar seu objetivo da maneira que escolher. Desde que obedeça as regras do jogo, ele pode balançar, ficar na ponta do pé, ficar de ponta cabeça, ou até voar. Toda maneira nova ou extraordinária de jogar é aceita e aplaudida por seus companheiros de jogo.

O jogo é psicologicamente diferente em grau, mas não em categoria, da atuação dramática. A capacidade de criar uma situação imaginativamente e de fazer um papel é uma experiência maravilhosa, é como uma espécie de descanso do cotidiano que damos ao nosso eu, ou as férias da rotina de todo o dia. Observamos que essa liberdade psicológica cria uma condição na qual tensão e conflito são dissolvidos, e as potencialidades são liberadas no esforço espontâneo de satisfazer as demandas da situação.

Qualquer jogo digno de ser jogado é altamente social e propõe intrinsecamente um problema a ser solucionado. Um ponto objetivo com o qual cada indivíduo deve se envolver, seja para atingir um gol ou para acertar uma moeda no copo. Deve haver acordo do grupo sobre as regras do jogo e interação que se dirige em direção ao objetivo para que o jogo possa acontecer.

Os jogadores tornam-se ágeis, alertas, prontos e desejosos aos acontecimentos. Essa capacidade pessoal de envolvimento traz o crescimento individual de cada um. A espontaneidade estimulada, traz ao aluno a capacidade de transcender a si mesmo. Ele é libertado para penetrar no ambiente, explorar, aventurar e enfrentar sem medo todos os perigos. Todo o corpo do indivíduo está inserido na espontaneidade, ou seja, o indivíduo total.

Aprovação e desaprovação:

O primeiro passo é sentir a liberdade pessoal, levando-nos a experimentar e adquirir autoconsciência. A nossa sociedade o tempo todo nos coloca aprovações e desaprovações. O tempo todo oscilamos no desejo de sermos amados e o medo da rejeição. Esses julgamentos acontecem desde o começo de nossas vidas, se o bebê não chora ele é bom. Ao tentarmos nos salvar de ataques, muitas vezes nos tornamos tímidos ou então lutamos cada vez que nos aventuramos sair de nós mesmos. Alguns, nesta luta, desenvolvem o egocentrismo e o exibicionismo; outros desistem e simplesmente seguem vivendo. A aprovação e a desaprovação cresce no autoritarismo que, com o decorrer dos anos, passou do autoritarismo dos pais para o do professor, e finalmente para toda a estrutura social (o companheiro, a família, o patrão, os vizinhos...).

A linguagem do autoritarismo deve ser constantemente dissociada quando se deseja que a personalidade total emergja como uma unidade de trabalho.

É necessário uma constante auto-observação por parte do professor-diretor para erradicar de si mesmo qualquer manifestação desse tipo, de maneira que não entre na relação professor-aluno.

O julgamento do professor-diretor limita tanto a sua própria experiência como a dos alunos, pois ao julgar ele se mantém distante do momento da experiência pura e raramente vai além do que já sabe. Isso o limita aos ensinamentos da rotina, às fórmulas e outros conceitos padronizados, que prescrevem o comportamento do aluno.

Devemos nos precaver para não nos distanciarmos a tal ponto que o aluno se sinta perdido, ou que ele julgue que não está aprendendo nada. É necessário que haja uma liberdade e igualdade entre professor e aluno.

É importante que o professor esteja fora da situação de descoberta dos alunos, não participe dos jogos, deixe que eles conquistem por conta própria suas descobertas. O professor também deve aceitar as regras do jogo, fazer sua função e guia, suas experiências são importantes para liderar o grupo.

Expressão de Grupo:

O teatro improvisacional requer relacionamento de grupo muito intenso, pois é a partir do acordo e da atuação em grupo que emerge o material para as cenas e peças.

Para o aluno que está iniciando pela primeira vez a experiência teatral, trabalhar com um grupo lhe dá uma grande segurança. Por outro lado, representa uma ameaça. Uma vez que a participação numa atividade teatral é confundida por muitos com exibicionismo (e portanto com medo de se expor), o indivíduo se julga isolado contra muitos. Ele luta contra o sentimento de ver-se face a um grande número de pessoas que estão sentadas julgando seu trabalho. O aluno, então, inclinado a provar-se permanece constantemente observando e julgando a si mesmo e não progride.

No entanto, quando trabalha com o grupo, atuando e experienciando coisas juntos, o aluno ator se integra e se descobre dentro da atividade. Tanto as diferenças como as similaridades dentro do grupo são aceitas.

O papel do professor é certificar-se de que o aluno está participando livremente a todo momento. Trabalhar o aluno em situação, isto é a partir de onde ele está e não aonde você pensa que ele deveria estar.

A participação e o acordo do grupo eliminam todas as tensões e exaustões da competição e abrem caminhos para a harmonia. Uma atmosfera competitiva cria tensão artificial.

A competição natural, por outro lado, é parte orgânica de toda a atividade de grupo e propicia tensão e relaxamento de forma a manter o indivíduo intacto enquanto joga.

Plateia:

O ator não deve esquecer da plateia, da mesma forma como não esquece suas linhas, seus adereços, ou seus colegas atores. A plateia é o membro mais reverenciado do teatro. Sem plateia não há teatro. Eles são nossos convidados, nossos avaliadores, e o último elemento na roda que pode então começar a girar.

Ela dá significado ao espetáculo. Quando se compreende o papel da plateia, o ator adquire liberdade e relaxamento completo. O exibicionismo desaparece quando o aluno ator começa a ver os membros da plateia não como juízes ou censores, mas como um grupo com o qual ele está compartilhando uma experiência.

A transposição do processo de aprendizagem para a vida diária:

Quando o aluno vê as pessoas e as maneiras como elas se comportam juntas, quando vê a cor do céu, ouve os sons no ar, sente o chão sob seus pés e o vento

em sua face, ele adquire uma visão mais ampla do seu mundo pessoal e seu desenvolvimento como ator e ser humano é acelerado.

Fiscalização:

Trata-se de uma preocupação do instrutor de encorajar a liberdade de expressão física do aluno, proporcionando este a ter *insight*. Quando o *insight* acontece, faz com que o aluno-ator tenha uma outra relação com o mundo da percepção, ele se torna um ser mais aberto para o mundo a sua volta.

Encorajá-lo no sentido de vermos sua arte e não como ele é, na sua vida pessoal, ninguém quer espionar sua vida. É importante que além do ator entender sua história, seu papel, que saia do mental e assimile todo o entendimento fisicamente, quando o texto só fica na cabeça, é sinal de que todo o processo foi inútil no âmbito teatral.

O ator-aluno, permitindo seu corpo se comunicar, expressa seu trabalho e deixa sua expressão física levá-lo aonde ele quiser. Para o teatro improvisacional, por exemplo, onde pouco ou quase nenhum material de cena (figurino ou cenário) são usados, o ator aprende que a realidade do palco deve ter espaço, textura, profundidade e substância, isto é, realidade física.

Procedimentos nas oficinas de trabalho:

É muito importante que o professor não comece seu trabalho já esperando um resultado. Sua preocupação deve focar-se em deixar a realidade “viva”, ou seja, deixar o processo orgânico. Os resultados aparecerão ao longo do processo, com a improvisação. A improvisação está em contato o tempo todo com o presente, que

está em constante transformação. Esse material principal é um ator com o outro, o processo da espontaneidade, crescimento orgânico e respostas intuitivas, ou seja, improvisos. Trabalhar durante as sessões de trabalho com o objetivo de liberar a humanidade dentro de nós e de nossos alunos. Então, as paredes de preconceitos, quadros de referências e o certo-errado predeterminados se dissolvem. Então, olhemos com uma “visão aberta”.

Solução de problemas:

Questões que orientam problemas, eliminam a necessidade de o professor analisar, intelectualizar, dissecar o trabalho de um aluno com critérios pessoais. Isso elimina a necessidade de dependência entre o aluno e o professor, esse contato entre ambos possibilita um contato direto com o material, desenvolvendo relacionamento ao invés de dependência. A solução dos problemas funciona como um jogo, ao criar unidade orgânica, liberdade de ação, gera estimulação, questionamentos dos procedimentos, mantendo todos os membros do grupo abertos para a experimentação. Como o aluno resolverá seu problema, é uma decisão individual, pessoal, pode correr, gritar, dar saltos, desde que permaneça com o problema em sua ação.

O professor é como um líder do grupo. Ele deve estar sempre alerta para trazer novos problemas de atuação para solucionar quaisquer dificuldades que possam aparecer. Ele se torna um diagnosticador, precisa estar atento para as necessidades que o aluno individualmente e grupo traz. E assim, trabalhar esses pontos, por exemplo: se o grupo tem dificuldade em trabalhar em quartetos, o professor colocará exercício próprios para essa dificuldade ser superada, e assim por diante.

Essa resolução de problemas individualmente e em conjunto faz com que o aluno despenda-se de recriminações, restabeleça confiança, relacionamento, tornando possível o desprendimento artístico.

O ponto de concentração:

O ponto de concentração libera a força grupal. Nesse ponto de vista, o teatro pode ser ensinado ao jovem, ao iniciante, aos velhos, professores... Ele os libera para uma grande aventura criativa, dando assim o significado do teatro da comunidade, sem técnicas teatrais como foco para atores. É o ponto focal, é a “bola” com a qual todos participam do jogo. Ajuda a isolar as técnicas teatrais, dá o controle, a disciplina artística em improvisação, é um catalizador entre um jogador e o outro.

Um veículo para uma experiência orgânica e não teatral.

Avaliação

Realiza-se depois do jogo. Um momento de reflexão do grupo. Conversas sobre a proposta do jogo, as resoluções escolhidas, as atitudes, um “veículo” de conversas, fazendo com que o grupo quebre julgamentos, saiba discutir, visualizar as coisas com outros olhos, julgamentos, sem culpas, sem o certo ou o errado.

O professor deve perguntar ao grupo:

Como foi a concentração do grupo?

Solucionaram o problema?

Comunicaram ou interpretaram?

Mostraram ou contaram?

Agiram ou reagiram?

Deixaram acontecer?

Quando o aluno está na plateia, deve observar e avaliar seus companheiros, mas quando é jogador precisa deixar que seja avaliado.

É essencial que o processo de avaliação seja do grupo e não somente do professor.

A Instrução:

Age como um grande guia, método usado para que o aluno tenha o ponto de concentração claro na mente e no corpo. Mantém o palco e o aluno ator vivo. É o professor e o aluno trabalhando juntos. Desperta a espontaneidade, dada no momento em que o jogador está em ação. Deve ser objetivo, apenas um comando.

Uma chamada: “Compartilhem!”

“Estabeleça contato!”

“Veja os botões do casaco do João”

Uma forma de orientação, assim como um técnico de um time cujo papel é indicar os caminhos aos jogadores em um jogo de basquete por exemplo.

Ela também é usada para finalizar um jogo, um exercício.

Os times e a apresentação do problema:

Todos os exercícios são feitos com times escolhidos aleatoriamente. Os alunos devem aprender a se relacionar com todos. As dependências devem ser quebradas.

Usar diferentes tipos de seleção, para que os alunos nunca saibam aonde se sentar para caírem com seus amigos. É muito doloroso para um aluno esperar para

ver quem o escolherá... nesse momento entra a função do professor, evitando assim qualquer tipo de “panela”, ou constrangimentos. Fazendo então, que os alunos sejam diversificados e aceitem seus colegas de grupo.

Apresentação do problema:

A apresentação do problema deve ser breve, simples e rápida. O importante é que o ponto de concentração esteja esclarecido. É importante que o professor demonstre o menos possível, deixar que o grupo desenvolva, o que depois será discutido na avaliação.

Composição física das oficinas de trabalho

Sempre que possível, o ideal seria que as oficinas sejam realizadas em teatros bons e equipados. Um baú com figurinos é interessante, blocos de madeira são bons para transformarem-se em diferentes cenários, um som é essencial.

Caso não seja possível, que seja uma sala, com um espaço para que o grupo possa correr, andar, explorar o ambiente. Um bom aparelho de som é essencial em todas as aulas para aquecimentos e alguns jogos.

A atmosfera deve sempre ser de prazer e relaxamento. Espera-se que os jogadores absorvam não somente as técnicas obtidas pelas experiências de trabalho, mas também os climas que as acompanham.

Preparação para o problema de atuação:

Os alunos-atores devem tomar suas próprias decisões e compor seu próprio mundo físico sobre o problema que é apresentado. Os jogadores criam sua própria realidade teatral, e tornam-se donos de seus “destinos”.

Sentido do tempo

Quando os jogadores não estiverem mais em ação, mas simplesmente falando desnecessariamente, isso é resultado da falta do trabalho, deve então, ser finalizado ou pelo diretor ou pelos alunos. O professor deve instruir o grupo quanto ao tempo sempre.

9. AULAS

Tendo apresentado o marco teórico a respeito da arte-educação no Brasil, bem como a metodologia utilizada por Viola Spolin do jogo teatral, relataremos a seguir uma experiência prática que tivemos ao longo de um semestre com alunos do ensino Fundamental I de uma escola pública de São Paulo.

As aulas foram desenvolvidas por mim, toda às sextas-feiras, com duração de uma hora, oito alunos, todos meninos, o grupo foi escolhido pela diretora da escola.

Para não expor o grupo, os nomes dos alunos são fictícios, porém criados por eles mesmos na 11ª aula em uma atividade plástica que fizemos.

Os planejamentos foram criados a partir dos jogos de Viola Spolin, jogos do Augusto Boal (Teatro do Oprimido) e algumas vivências minhas. Planejava normalmente oito atividades, porém, conseguia desenvolver apenas duas ou três

devido a inúmeros problemas e indisciplina do grupo. Os jogos realizados estão descritos nas aulas e conseqüentemente os relatos das vivências do grupo nos exercícios realizados.

1º aula

Meu primeiro dia com “Os Sete”

O grupo não estava completo, eram “Os Cinco”. Fiquei na entrada da escola esperando-os. A coordenadora havia feito uma prévia para eles do que iria acontecer. Curiosos, chegaram. Olharam-me. Eu carregava um bastão. Solícitos, seguraram o som, a corda e minha água. Subimos dois lances de escadas, chegamos na sala 11. A coordenadora tentou explicar mais detalhadamente o que eu estava fazendo ali e o que iria acontecer, mas a agitação do grupo não permitia atenção. Neste meio tempo, apareceu uma professora, para auxiliar-me caso eu precisasse.

Peguei meu caderno, com a intenção de conhecer seus nomes e fazer uma chamada de presença. O primeiro foi “Figurinha”, apresentando-se e mentindo seu nome, chamava-se “Luís Eduardo”, a professora corrigiu... depois “Y”, chamava-se “Roger”, foi desmentido também... Achei melhor ficar a sós com o grupo, pedi para a professora sair. Tentei conversar um pouco sobre minha aula, que seria teatro e, caso eles quisessem ter seus nomes mudados, não haveria problema. Nesta aula poderíamos ser o que quiséssemos. Como brincadeira, passei a chamar “Y” de Roger, que incomodou-se profundamente, não queria... o mesmo aconteceu com “Figurinha”, assim os nomes foram assumidos verdadeiramente.

Alunos presentes: “Figurinhas” (12 anos), “Y” (11 anos), “Caveira” (11 anos), “Neymar” (11 anos) e “X” (11 anos).

A partir deste momento, subiram todos nas mesas e começaram a gritar na janela que dava para a rua. Chamei-lhes a atenção, mas não escutavam... deixei gritarem um pouco... estavam precisando.

Após alguns minutos, perguntei se agora poderiam escutar-me. O primeiro a descer da mesa foi “X”, chamando a atenção dos meninos, que aos poucos foram descendo, para eu finalmente me apresentar. Naquele momento o diálogo não seria a melhor estratégia, não tinham paciência para me escutar, e então resolvi trabalhar os exercícios, com intenção de, aos poucos, conversar com o grupo.

Ao contrário do que Viola Spolin diz (pg 37), neste primeiro dia, participei de todos os exercícios para tornar-me mais próximas do grupo e das atividades.

Plano de aula e jogos realizados:

1° Jogo:

Exercício do bastão,

Preparação:

O grupo todo

Foco:

Jogar o bastão para o outro sem deixar cair no chão.

Descrição:

Os jogadores permanecem em círculo. Um jogador joga o bastão para outro. O jogador que estiver com o bastão nas mãos deve sempre olhar nos olhos de quem irá receber para que não caia no chão, e não machuque ninguém.

Utilizar a música como estímulo.

Instrução:

Olhem nos olhos. Jogue para pessoas diferentes. O bastão não pode ser jogado de qualquer forma. Atenção!

Avaliação:

Foco, atenção. O grupo permaneceu atento? Deixaram cair muitas vezes o bastão no chão? Todos participaram?

Notas:

Esse jogo tradicional é um jogo excelente para os jogos de espelho, encorajam os jogadores a olharem-se e movimentarem-se.

Áreas de experiência:

Aquecimento ativo

Jogo de olhar – ver

Jogo sensorial

Coordenação motora

2° Jogo:

Jogo dos números

Preparação:

O grupo todo.

Foco:

Fazer o movimento correto de acordo com o número falado pelo instrutor. Tentar colocar intenção nos movimentos.

Descrição:

Os jogadores caminham pelo espaço normalmente. O instrutor dará os comandos dos movimentos para os respectivos números. Cada número tem um movimento diferente. Os alunos precisam estar atentos à fala do instrutor. A contagem vai dificultando de acordo com o andamento do grupo. Interessante começar com 3 números (3 movimentos) para de acordo com o andamento do exercício aumentar a sequência.

Instrução:

Fiquem atentos ao meu comando.

Não andem somente em círculos, explorem os espaços.

Olhem-se.

Avaliação:

Foco, atenção, ver – ouvir.

O grupo manteve-se unido em suas movimentações?

Conseguimos criar mais de três sequências?

Tiveram dificuldades?

Conseguiram fazer sozinhos a movimentação depois sem a ajuda do instrutor?

Notas:

Esse jogo é tradicional, um jogo excelente para exercitar a precisão, a movimentação, a intenção e o olhar.

Áreas de experiência:

Aquecimento ativo

Jogo de olhar

Jogo de escuta

Jogo de movimentação - intenção

Jogo de precisão

Desenvolvimento dos jogos:

Jogo do Bastão

O grupo não conseguiu pegar o bastão e somente jogar (como mandava o jogo), ao invés disso, pegavam e dançavam. Perguntei se o grupo gostava de dançar, a resposta foi sim.

Ótimo! Liberei para quando o bastão fosse passado dançariam, contanto que olhassem nos olhos uns dos outros ao passar o bastão. “Caveira” teve muita dificuldade de olhar nos olhos e concentrar-se, jogou para mim e nas duas vezes quase me machucou, não conseguia me olhar e nem seus colegas. Falei:

- “Caveira”, já olhou nos olhos de alguém alguma vez?

Você sabia que o olho é a janela da alma? Se eu olhar em seus olhos descobrirei muitas coisas de você

“Caveira” e o grupo ficaram balançados com o que ouviram, porém, o exercício continuou, foi apenas uma provocação da minha parte para testá-los.

Reclamaram das músicas que escolhi, mexeram no som, pediram funk ou rap, mas eu não tinha no momento... Tentei colocar uma que se aproximava um pouco do que queriam. Acabaram aceitando. A duração do exercício foi boa.

Esse jogo funcionou muito bem, observei o interesse e a falta de timidez em dançarem juntos. Gostam de jogos ativos, são muito enérgicos, precisam gastar essa energia que parece estar acumulada.

Jogo dos Números

Os movimentos escolhidos para as numerações foram:

- 1 - pose de atirar
- 2 - abaixar com o corpo deitado
- 3 - levantar as mãos
- 4 - inventaram uma dancinha
- 5 - subir na mesa
- 6 - descer da mesa.

O exercício foi muito bom!!

Para cada movimentação faziam um som, uma intenção corporal e um olhar. A durabilidade do jogo foi boa, quando estávamos finalizando o jogo, passaram a cantar um rap. Nossa comunicação (diálogos) foi estabelecida através do canto.

“Neymar” cantou:

- *“Quem era eu, que nem os conhecia e já queria mandar.”*

Entrei no jogo e cantei:

- *“Estava ali humildemente, para ajudá-los, para brincarmos, sermos felizes, não queria fazer mal, só o bem...”*

Vi aceitação do grupo em seus olhares. Falávamos a mesma língua. Permanecemos um tempo cantando, alguns passaram do limite na brincadeira, dizendo bobagens para mim, aceitei, mas cantando exigi respeito.

Finalizei vinte minutos mais cedo a aula, a fim de evitar confusões. Ao dispensá-los, subiram nas mesas e gritaram nas janelas. Dois dos meninos começaram a brigar... tentei separá-los, mas foi difícil. Chamei-os fortemente, e obedeceram rápido, diferente do início da aula. Falei sobre respeito, e que não aceitava brigas na minha aula. Separá-los era complicado, além de eu correr o risco

de me machucar também. Caso essa situação se repetisse, não daria mais aula para esse grupo.

A conversa foi interessante, escutaram, falaram, questionaram. Houve um comentário engraçado:

- *“A mulher é 100% sensível, não pode machucar.”*

No fim pedi que cada um dissesse uma palavra na qual simbolizasse a aula:

“Bom! Legal! Bem legal! Goste!”

“X” preferiu não se manifestar.

Pediram mais aulas, para eu vir outros dias. Expliquei que não era possível, mas poderíamos fazer um trabalho bem legal, mesmo sendo uma vez por semana e como lição, na próxima aula trariam músicas de seus gostos. Porém, combinamos de escutar tanto as minhas escolhas musicais como as deles.

Avalio a aula como difícil, porém positiva. São elétricos, uma energia não canalizada, às vezes parecem incabíveis em seus corpos. Teremos um longo trabalho pela frente.

2º aula

Estava na sala da coordenação preenchendo uns papéis, os meninos apareceram, me procurando, animados para a aula. Ótimo, pensei: estava no caminho certo, a aula anterior havia sido difícil, mas aceita por eles, positiva.

Subimos até a sala 02, e estavam bem agitados como na aula passada. Colocaram muitas cadeiras, mesas e o lixo (que foi virado para baixo) na porta para ninguém entrar e ninguém sair. Fizeram uma barricada na porta. Subiram nas mesas, gritavam alucinadamente, jogaram o apagador pela janela. Um pouco desesperada com o que estava presenciando, pedi por favor para que parassem. Aos poucos, foram descendo.

Tentei conversar, mas não era possível, o jeito naquele momento era partir logo para os jogos. Alunos presentes: “Neymar”, “Caveira”, “Y”, “Figurinha”, (os novos) e “Ivaldo” e “Jozevaldo”.

Plano de aula e jogos realizados nesta aula:

Elaborei esta aula semelhante a anterior, com intuito de aproveitar os jogos realizados e aprimorá-los evidenciando suas conquistas.

Como na aula anterior, participei de todos os jogos com música em todos os momentos

1º jogo

Exercício do bastão – dois ao mesmo tempo.

2º jogo

Jogo dos números coreografados

3° jogo

Sequência de 5 movimentos

Preparação:

O grupo

Foco:

Sincronia nos movimentos.

Descrição:

Em trios, escolherem uma sequência de cinco movimentos. Os movimentos devem ser feitos juntos, regularidade de movimentos, cadência.

Instrução:

Combinem como será o movimento.

Treinem antes.

O movimento precisa ser fácil e simples para fazerem juntos.

Olhem-se.

Avaliação:

Coordenação motora, escolhas em grupo, foco, atenção, ver – ouvir.

Notas:

Um jogo excelente para observar como os alunos se organizam e trabalham em subgrupos.

Quem lidera as escolhas dos movimentos?

Todos participam?

Há uma cadência nas escolhas dos movimentos?

O grupo sentiu dificuldade?

Um jogo excelente para trabalhar a precisão dos grupos.

Trabalhar plateia.

Áreas de experiência:

Jogo ativo

Jogo de olhar

Jogo de movimentação – intenção

Jogo de escuta

Jogo de precisão

Jogo de plateia

Desenvolvimento dos jogos:**Jogo do Bastão**

Em roda, jogar dois bastões ao mesmo tempo. Tiveram dificuldades, estavam dispersos, atrapalhando-se ao jogar o bastão, derrubando-o diversas vezes no chão. Devido à bagunça, resolvi parar o jogo e tentar outro.

Jogo dos Números

Como na aula anterior, porém com movimentos mais precisos e coreografados. A resposta foi boa, gostaram, ficaram animados.

Sequência de 5 movimentos

O grupo teve dificuldade em subdividir-se, principalmente “Figurinha”. Nos subgrupos, não se escutavam, batiam-se o tempo todo e depois passaram a fazer movimentos pornográficos, os quais inviabilizaram a continuidade da aula.

Desliguei o som e mesmo assim o grupo não percebeu. Arrumei minhas coisas, só então tomaram conhecimento de que eu ia embora. Disseram:

- Olha a professora! Vai embora!!

Expliquei o motivo da minha saída. Aquela bagunça não era possível. Uma covardia o que estavam fazendo. Pedi para pensarem na situação: eu, sozinha, única mulher e eles, sete homens fazendo gestos obsceno, não dava.

Negavam de primeira minhas argumentações, mas, depois, acabaram reconhecendo o erro, afirmando não fazer mais. Achei bom reconhecerem o erro, mas estava chateada. Sendo assim, a aula estava encerrada. Para a próxima aula queria que refletissem um pouco sobre o ocorrido. Se a aula passada foi boa a próxima também poderia ser. Eu estava lá porque acreditava neles, diferente de muitas pessoas da escola. O potencial de cada um poderia ser mostrado em nossas aulas e mudando a opinião de muitas pessoas.

O grupo ficou mexido e chateado. “Figurinha” revoltou-se, bateu nos colegas. “Neymar” e “Y” pediram desculpas para mim. “Y” foi o único que me ajudou a tirar as pilhas de cadeiras e mesas que estavam na porta.

Elogiei “Ivaldo” e “Jozevaldo”, foram respeitosos comigo, participaram das atividades, bagunçaram pouco.

Refleti sobre a aula e percebi, nitidamente, “Figurinha” é o líder do grupo e sem limites. Desestabiliza facilmente as atividades, manipula os colegas, dirige a aula para o caminho que quer. Conversei com a coordenadora, ela me contou um pouco da história dele. Uma vida violenta, família desestruturada, avó bate nele, inclusive já deu um tapa na cara dele na frente de todos da escola. Não teme ninguém, somente o pai.

Todos no grupo são muito carentes, sem nenhuma referência adequada, uma vida rodeada por violência, pouco afeto, largados pelo bairro na madrugada, considerados grandes e não crianças que são.

3º aula

Fui para a escola com uma expectativa angustiante, não sabia o que aconteceria depois da aula passada, na qual foi interrompida bruscamente por conta das brincadeiras obscenas do grupo. Tive que ser incisiva na minha decisão, não poderia oscilar no meu discurso sobre a falta de respeito comigo. Não sabia como seria a reação do grupo, afinal, fazem o que querem com qualquer um na escola.

Felizmente, pensaram sobre o ocorrido. Quando cheguei, os meninos estavam me procurando, animados para a aula. “Neymar” e “Figurinha” deram-me beijos. “Neymar” até me perguntou se estava muito trânsito na rua. Estavam diferentes. A diretora comentou que os meninos haviam dito que queriam ter feito a aula passada, mas “Figurinha” atrapalhou o tempo todo. Achei bom os meninos tomarem atitude, reivindicarem seus direitos. Ótimo, tínhamos boas notícias!

Fomos para a sala. O caminho foi tumultuado, “Figurinha” agarrado em mim, mexendo compulsivamente em minha orelha. Ele tem um toque em orelha, na dele e na dos outros. O grupo estava bem agitado, davam socos nos armários, faziam questão de fazer bastante barulho chamando atenção.

Chegando na sala, pegaram cadeiras, mesas para colocarem na porta. Imediatamente coloquei-me firmemente diante da situação a qual não era mais permitida. Surpreendentemente obedeceram. Não subiram nas mesas, não mexeram com as pessoas da janela e nem jogaram nada. Mesmo com toda a gritaria, estávamos bem melhor do que nas aulas passadas.

Pedi atenção. Entre eles, chamavam atenção para que escutassem o que eu tinha para dizer. Sentaram pela primeira vez e conversamos sobre o ocorrido da aula passada. Aproveitei a ocasião e contei sobre o que poderíamos desenvolver no

nosso trabalho e o quanto poderia ser legal. Ficaram animados com as propostas, porém, para isso ocorrer, o diálogo seria fundamental, e não gritarias.

Alunos presentes: Todos, menos “Jozevaldo”.

Plano de aula e jogos realizados nesta aula:

1° jogo

Indicação de movimentos por palmas

Preparação:

O grupo todo

Foco: Escutar as palmas e fazer os respectivos movimentos.

Descrição: Andar pelo espaço, o instrutor indicará os movimentos e a quantidade de palmas referentes. O grupo deve estar atento. De preferência, fazer primeiro três palmas para depois aumentar de acordo com o andamento do grupo. Uma palma pula, duas palmas abaixa, três palmas roda e assim por diante.

Instrução:

Prestem atenção.

Olhem o grupo.

Olhem o instrutor.

Avaliação:

Esse jogo de aquecimento trabalha a concentração e a escuta do grupo

Notas:

Jogo de aquecimento.

Áreas de experiência:

Jogo ativo

Jogo de escuta

Jogo de atenção

2° jogo

Espelho

Preparação:

O grupo todo dividido em duplas.

Foco:

Refletir perfeitamente o gerador de movimento.

Descrição:

Divida o grupo em times de dois. Um jogador fica sendo A, o outro B. Todos os times jogam simultaneamente. A fica de frente para B. A reflete todos os movimentos iniciados por B, dos pés à cabeça, incluindo expressões faciais. Após algum tempo inverta as posições.

Instrução:

B inicia!

Movimentos grandes, com o corpo todo!

Espelhe só o que você vê.

Mudem!

Agora A inicia e B é o espelho!

Avaliação:

Há uma diferença entre o espelho e a imitação?

Você sabe quando era você que iniciava?

Notas:

Cuidado com os movimentos. Preste atenção nos movimentos, se A usou a mão direita B usa a mão esquerda, como um espelho verdadeiro.

Áreas de experiência:

Jogo de olhar – ver

Parte do todo: ligação

Espelho - siga o seguidor

Comunicação não verbal

Jogo sensorial

Tempo presente aqui e agora.

Desenvolvimento dos jogos:

Pensando nas frustrações do grupo em relação as minhas escolhas musicais, escolhi agora “João Brasil”, funk mixado com MPB. Música do gênero funk contemplando o universo deles, ao mesmo tempo uma proposta diferente. Ficaram animadíssimos e surpreendidos com o som. Logo começaram a dançar. Resolvi aproveitar a situação e dei aquecimento como dança. Dançar todos juntos.

Espelho Coletivo

Aproveitando a animação, parti para o jogo do espelho, com algumas modificações. Modificação. Em vez de duplas, um dançava e o grupo o imitava. Estavam bem dispostos. “X” dançou, mas depois afastou-se. Passei a comandar o jogo, tive a ideia de sentarmos ao lado dele e imitarmos- o. “X” deu risadas, levou na brincadeira e voltou para a dança.

Jogo indicação de movimentos por palmas

Todos fizeram. Entenderam bem os movimentos, agora eles é que comandariam os movimentos, e não eu. “Figurinha” começou, iria comandar e inventar mais um movimento. O comando foi passado por todos. “Ivaldo” estava envergonhado, afirmava não saber dançar. Mas o clima estava contagiante, topou fazer, brincou. Quando nos demos conta, já estavam à vontade. Fiz questão de elogiá-los bastante.

Duplas espelho na dança

“Figurinha” e “Neymar” toparam na hora fazer o espelho, estavam conectados um ao outro. “Ivaldo” tentou fazer com “Caveira”, mas estavam com bastante vergonha, desistindo logo. “X” não quis nem tentar. Chamei “Y” para fazer comigo, tímido preferiu entrar na dupla de “Figurinha”, formando assim um trio.

Para finalizar a aula pedi um desenho do que gostavam no mundo, ou o que queriam ou o que os incomodava. Fui ingênua em minha proposta. Todos, desenharam um campo de futebol, menos “X”, não quis fazer nada. Pedi para “X” escrever pelo menos seu nome, não queria, irritado acabou escrevendo.

Olhando os desenhos: chamou minha atenção o desenho de “Ivaldo”, um campo de futebol com seus pais juntos e o símbolo de seu time. E de “Figurinha”, com o campo de futebol e os jogadores eram seus amigos deste grupo.

Refletindo sobre essa proposta plástica, esta mistura de linguagens, posso dizer que os meninos conseguiram fazer uma atividade mais calma, não relutaram, foram rápidos, mas deram conta da proposta. Pensarei em misturar mais as diferentes linguagens artísticas.

4º aula

Fui para a escola animada com o resultado da aula passada. Até desenho havíamos feito. Cheguei mais cedo na escola, com a esperança de organizar melhor a sala para receber os meninos e começar logo a aula. Porém, desta vez, não tive sala porque todas estavam ocupadas, e o único jeito era utilizar um espaço alternativo o qual foi me oferecido.

Busquei-os na quadra e tentei explicar a situação, não havia sala. O grupo não foi nada otimista com a ideia. Expliquei que planejava uma aula diferente, sem som, focaria mais em jogos teatrais. Não precisávamos necessariamente daquela sala, podíamos quem sabe ir em um espaço ao ar livre, mais afastado das outras crianças. Me ouvindo ficaram ainda mais desestimulados, disseram que sem som não fariam aula. Tentei conversar, explicar que nem sempre o teatro tem música... mas não queriam conversa. Topei então usar o som, fomos para um espaço denominado pela escola como “salão”. Ficamos em um corredorzinho, uma passagem para as escadas onde tinha tomada para o som. Muitas pessoas entraram no meio da aula, falando, atrapalhando, foi bem complicado. O grupo estava desatento, saíam dos jogos, interagiam com quem passava, batendo, gritando, jogando coisas.

Alunos presentes: “Neymar”. “Caveira”, “Y” e “X” mais um aluno novo “W” que acabou convencendo-me em fazer minha aula. Permitted, desde que não atrapalhasse.

Plano de aula e jogos realizados nesta aula:

1° jogo

Ocupação dos espaços

Preparação:

O grupo todo.

Foco:

Focar no espaços.

Descrição:

Cada jogador escolhe um espaço, um lugar para ficar. Quando o comando for: “Troca”, trocam de lugar com seus parceiros.

Instrução:

Olhem-se ao trocar de lugar.

É necessário que haja aceitação dos dois nesta troca.

Avaliação:

Jogo de aquecimento ativo. Trabalhar precisão do grupo.

Notas:

Jogo de aquecimento ativo

Área de experiência:

Jogo ativo

Jogo de atenção

2° jogo

Luta de bastão

Preparação:

O grupo todo em duplas.

Foco:

Lutar com o bastão.

Descrição:

Em duplas, cada um com um bastão, segurar com as duas mãos de modo que o bastão fique na horizontal. Explorar diferentes planos não machucar o adversário.

Instrução:

Explore os planos!

Não deixe o adversário prensar você na parede.

Tente ficar no meio da sala.

Avaliação:

Jogo bom para explorar a luta, a energia negativa do aluno, movimento do corpo.

Notas:

Jogo de aquecimento.

Áreas de experiências:

Jogo ativo

Coordenação motora

Trabalhar em duplas

3° jogo

“Só eu sei fazer no mundo”

Preparação:

Jogadores na plateia.

Foco:

Envolvimento com a interpretação imediata do jogador.

Descrição:

O grupo permanece sentado (plateia), um jogador voluntariamente propõe-se ir à frente, apresenta-se e mostra com tamanha convicção algo que só ele sabe fazer no mundo. Não importa o que seja, e sim sua interpretação convincente.

Instrução:

Apresente-se, como se você não conhecesse as pessoas que estão nesta sala.

Prepare-nos para sua apresentação.

Assuma este papel.

Olhe em nossos olhos.

Mostre!

Sem ter pressa.

Avaliação

O jogador conseguiu comunicar-se com a plateia?

Jogador interpretou seu número como único no mundo?

Convenceu a plateia?.

Notas:

Jogo de interpretação.

Áreas de experiência:

Teatro – o que sei fazer

Quem sou?

Mostrar

Jogo de ouvir-escutar

Comunicação

Jogo de observação

Desenvolvimento dos jogos:

Aquecimento de trocas com música

O exercício demanda atenção e precisão dos jogadores. O local não favorecia muito, era aberto, mas mesmo assim foi bom, fizeram bem, aceitaram o jogo, entenderam o foco, gostaram.

Bastão

O grupo estava concentrado, o exercício foi melhor do que os das aulas anteriores.

Bastão Luta

“Neymar” e “Caveira” fizeram muito bem, usaram também a dança no exercício.

Tentei fazer plateia em vez de fazerem todos simultaneamente, porém, o local era impróprio para isso, não foi possível.

“X” e “Y” estavam desatentos, saíam correndo, se pegavam, batiam em alguém que passava, principalmente “X”.

Jogo Plateia “Só eu sei fazer no mundo”

Confesso que fui ousada em fazer esse exercício. Digo isso principalmente pelo local em que estávamos, não havia privacidade. Estavam envergonhados. “Neymar” e “Caveira” apresentaram-se juntos. Fizeram uma apresentação de dança muito bacana. Pela primeira vez fizemos plateia. Os outros meninos estavam tímidos, desistiram do jogo, resolveram bagunçar.

“Caveira” quis depois fazer sozinho, apresentou-se, disse que sabia rimar. Cantou, dançou e rimou.

“Neymar” também quis, sabia dançar. Dançou.

Fiquei surpreendida com a espontaneidade dos dois!

Terminei mais cedo a aula, estava virando muita bagunça, o local também propiciava a desordem, muitas pessoas passando, a hora da saída aproximando-se.

No fim da aula, briguei com “X” por bater em um menino mais novo que ele. “X” ficou bravo e não quis mais falar comigo.

Pensando nesta aula cheguei a conclusões:

Errei ao fazer os jogos de plateia em um local aberto, deveria ter feito mais jogos de aquecimento ativo, expor menos os alunos.

Aquele local é inviável para dar aula, principalmente em um grupo indisciplinado como este. Conversarei com a direção da escola e colocarei esse problema de espaço para chegarmos em um acordo.

Figura. 1 - Jogo do bastão em grupo



Figura. 2 - Jogo do bastão - luta



5° aula

Fui à escola na expectativa de ter uma sala, porque na aula passada fizemos em local aberto, inviabilizando vários exercícios, além da bagunça que se formou em alguns momentos. Caso não fosse possível ter a sala, não daria essa aula.

Cheguei, a escola estava tumultuada por conta da festa junina que seria no sábado. Procurei a coordenadora para arrumar uma sala, mas ela não estava, tinha ido ao hospital levar um aluno machucado. Falei com a diretora, estava ocupada. Encontrei um dos meus alunos indo embora mais cedo com sua mãe, estranhei.

Fui atrás deles na quadra, “Caveira” e “W” me procuravam. “Neymar” jogava bola na quadra. “Figurinha”, para meu espanto, estava no telhado. Falei para descer, não queria, estava arredio, ameacei chamar um outro adulto, mas desceu. Foi jogar bola com “Neymar” na quadra, chamei-os para a aula, mas queriam o futebol. “Figurinha” colocou-me a condição da aula ser na tenda (local ao lado da quadra, espaço aberto). Neguei seu pedido. Os meninos ficaram irritados, “Figurinha” estava agressivo comigo. Perguntei a ele se eu estava falando alto, mas negou. Falei que estava tranquila, explicava as coisas, olhava em seus olhos, não havia motivo para me tratar mal. Perguntei se alguém já havia olhado em seus olhos, disse que não e pediu desculpas.

Enquanto providenciava uma sala e o som, deixei-os brincando na quadra.

No corredor, encontrei uma professora do meu grupo, me contou que os meninos (alguns deles) haviam feito uma rodinha e batido dando chutes em um menino. Por conta disso, as mães iriam buscá-los mais cedo. Depois de escutá-la e sem nenhuma perspectiva de sala, nem som, nem nada, pensando que já haviam passado-se trinta minutos, desisti. Fui até eles, conversei, falei do mau

comportamento , da falta de sala, da má vontade que o grupo encontrava-se, por conta destes motivos iria embora. Os meninos aceitaram bem, infelizmente não estavam mesmo a fim.

6° aula

Estava receosa após a última aula, em que não pude dar devido o mau comportamento do grupo, a falta de sala, o caos que apresentava-se a escola devido a preparação para a festa junina.

Diante de tantos empecilhos e pensando que seria minha última aula antes das férias, decidi não aplicar aula prática. Seria só uma conversa sobre o 2º semestre. Precisava saber realmente quais eram as intenções do grupo em relação a mim. Meu TCC estava mais próximo da finalização e precisava da cooperação e participação deles. A forma como estavam prosseguindo não atingiam meus objetivos. Sendo assim, daquela forma, buscaria outros alunos ou outro local para dar continuidade à minha pesquisa.

Felizmente, diferente da aula passada consegui uma sala.

Os alunos presentes eram: “Ivaldo”, “Caveira”, “Jozevaldo”, “Neymar” e “W”. O ideal seria o grupo todo para aquela conversa, mas não teve jeito, prossegui assim mesmo.

Levei meu laptop, mostrei algumas opções de músicas, batidas que poderíamos trabalhar, criar coreografias e letras de música. Encantados com o computador, com as músicas, adoraram a ideia. Como finalização dei a opção de apresentarmos algo para a escola, ou um vídeo para colocar no youtube, acharam o máximo.

Porém, as condições necessárias para que o trabalho fluísse: menos bagunça, participar dos jogos, cooperação, subirem para a minha sala na hora em que eu os chamasse, pararem de se bater, etc. Toparam, gostaram, fariam tudo isso.

Faria o teste na primeira aula do segundo semestre se falavam realmente a

verdade Teriam duas chances, ou seja duas aulas, caso não fosse possível, iria embora.

Falei de uma forma incisiva, sem muito afeto, precisava ser firme.

Depois dessa conversa, agradei a presença do grupo, desejei boas férias, bom descanso e fui embora.

7º aula

Ansiosa fui para meu primeiro dia de aula após as férias. Havia conversado sério com o grupo na última aula sobre o comportamento, a cooperação que eu precisava e a proposta pensada para finalizarmos o ano. A expectativa era grande, não havia dúvidas disso.

Comecei com uma boa notícia vinda da coordenadora, que agora sempre teria uma sala e um som reservado para mim. Maravilha, agora sim, as coisas estavam melhorando. Arrumar antes a sala facilitou meu trabalho. Com a ajuda do inspetor Alan fomos buscar as crianças no pátio. A professora de Educação Física estava com meu grupo e me perguntou se eu daria a próxima aula para eles. Respondi que sim. Afirmou nunca ter visto esse grupo sair correndo de alguma aula para fazer outra. Fiquei surpresa e confesso que essa notícia deixou-me positiva. Estávamos começando bem o 2º semestre!

Fomos para a sala onze, como sempre bem agitados. “Figurinha” começou a amontoar as cadeiras na porta, firme, eu disse que não permitia mais esse movimento, e logo obedeceu. Ao invés de colocar as cadeiras na porta, passaram a amontoar cadeiras em cima de uma mesa nos fundos, de forma exagerada. Pedi para pararem. Um dos meninos comentou que havia um novo aluno com a gente... Percebi que embaixo daquela mesa havia um menino, o José. Fiquei preocupada com José, e fui ver se tinha se machucado. Felizmente não, ele já estava rindo com os meninos.

Apresentou-se, queria fazer aula comigo. Falei os motivos que impossibilitavam esse desejo. Mas implorava. Estava em uma “saia justa”... não sabia o que fazer. Os meninos subiram na mesa e gritavam da janela para “Y” .

Disseram que “Y” cabulava minha aula. Lembrei-os do que havia dito na aula passada, não permitiria mais algumas coisas, entre elas cabular. Desta forma, “Y” estaria fora. José muito esperto, aproveitou a situação e negociou sua entrada no lugar de “Y”. O argumento foi pertinente. Deixei que fizesse aquela aula, se conseguisse se comportar, ficaria conosco.

“Ivaldo” e “Caveira” o tempo todo chamavam atenção do grupo para fazer a aula

Retomei rapidamente a proposta da última aula para quem não estava. A paciência deles para longas conversas estava bem escassa, mas escutaram. Afirmei a importância e o porquê dos exercícios feitos, suas funções no teatro, a importância do trabalho de coordenação motora, atenção que precisavam ter, o trabalho em grupo e sua cooperatividade. Não era fácil, era difícil. Mas, se cooperassem, poderíamos conquistar algumas coisas positivas até o fim do ano.

Fomos então para a prática:

Plano de aula e jogos executados nesta aula:

1º jogo

Palma anda palma para

Preparação:

O grupo todo.

Foco:

Prestar atenção no comandos ditos pelo instrutor.

Descrição:

Os alunos andam pelo espaço ocupam da melhor forma. Quando o professor falar “palma para” os alunos pararam em estátua e quando disser “palma anda” os alunos continuam a ocupar os espaços. É interessante dar comandos diferentes como: parou, andou... que possam confundi-los e conseqüentemente exigir maior concentração do grupo.

Instrução:

Prestem atenção aos comandos corretos!

Circulem, andem.

Avaliação

Jogo de concentração

Notas:

Aquecimento ativo.

Área de experiência:

Concentração, aquecimento, jogo de escuta.

2° jogo

Bastão

Algumas variações: Quando o bastão cair, todos batem as mãos no chão e dão um pulo.

Falar o nome do colega que recebe o bastão.

Três bastões ao mesmo tempo

3° jogo

Movimento diagonal

Preparação:

O grupo todo.

Foco:

Fazer igual o movimento proposto.

Descrição:

O grupo em fila. Utilizando a diagonal da sala, um aluno faz um movimento que deve ser repetido por eles e pelos outros até o extremo oposto da diagonal.

Instrução:

Olhe o movimento do colega que propôs, tente reproduzi-lo perfeitamente.

Avaliação

Jogo de olhar, observação e imitação. Espelho.

Notas:

Jogo de espelho diagonal em grupo

Área de experiência:

Observação

Coordenação motora

Jogo do olhar

Desenvolvimento dos jogos:

Alunos presentes: “Neymar”, “Ivaldo”, “Jozevaldo”, “Figurinha”, “X” e José (entrou no lugar de “Y”).

Palma anda palma para

Deixei que experimentassem um pouco o jogo para depois dificultá-lo. Quem errasse, sentaria na plateia e observaria. Foi muito interessante esse exercício, o grupo gostou, estavam bem empenhados, atentos, conseguiram fazer e toparam

ficar na plateia e observar os colegas. Os últimos a ficar no jogo foram “Ivaldo” e “Jozevaldo”.

Bastão

Começamos em roda jogando. Quem estivesse com o bastão dançaria com ele e jogaria para um colega. Chamava a atenção deles o tempo todo para se olharem, conseqüentemente o bastão caía menos no chão. Coloquei **mais uma etapa no jogo**, quando o bastão caísse, bateriam a mão no chão e dariam um pulo. **Mais uma etapa**: falar o nome do colega que recebesse o bastão.

Dois bastões e depois três bastões.

O exercício foi muito bom! Os meninos estavam extremamente inseridos, havia um trabalho de grupo. Elogiei muito, estavam eufóricos, uma mistura de sentimentos.

Todos os exercícios foram feitos com música (funk).

Movimento diagonal.

Gostaram da ideia do exercício, porém, como estavam muito eufóricos do jogo anterior, perderam o foco. Queriam beber água, subiram novamente nas mesas para falar com os colegas pela janela. Perdemos um tempo nesta função de chamá-los novamente para dentro do grupo...até conseguirmos fazer a fileira novamente demorou. “Ivaldo” chamava a atenção, queria continuar. José desconcentrou-se, mas estava muito bem nos exercícios anteriores. Olhava em meus olhos fazendo movimentos na hora em que dançava com o bastão, dava sorrisos, estava alegre.

Gostei muito do seu movimento corporal. “Ivaldo” também me surpreendeu, perdendo a vergonha e dançando muito mais. “X” desistiu no meio da aula e sentou-

se na mesa, não queria participar, não durou nem 1 minuto, olhando seus colegas mudou rapidamente de ideia. “Figurinha” também estava envolvido. “Caveira”, mais doce, via em seu rosto empolgação, atento, assim como “Ivaldo” e “Jozevaldo” estavam envolvidos.

Nesse último exercício, o grupo se perdeu. “Figurinha” brincou demais, fez movimentos obscenos. Parei a aula e pedi para que o grupo observasse o movimento dele. Comentei sobre o movimento, era comprido demais, não sendo possível reproduzi-lo. A proposta não era aquela, ou seja, não havia prestado atenção. Pedi para fazer outro movimento, fez, um outro mais obsceno. Perguntei o que era aquilo que estava fazendo. Não entendia sua proposta, parecia “tesão”. Se fosse, que por favor se retirasse e resolvesse sua situação no banheiro. Ficou muito sem graça, o grupo deu risada de sua cara. Pela primeira vez “Figurinha” estava exposto diante do grupo, ao contrário do que normalmente ocorre. Os meninos haviam chamado sua atenção diversas vezes para parar e fazer direito. Queriam trabalhar.

Minha medida não foi muito pedagógica, mas precisava expor um pouco “Figurinha” diante do grupo. “Figurinha” fingiu dar muitas risadas, sem graça, claro. Falei que a próxima aula se continuasse com aquela postura, (situação que eu já havia chamado atenção em outras aulas), iria ficar fora das minhas aulas, não tínhamos tempo para esse tipo de coisa. Queria respeito, era o mínimo que exigia. Ficou bravo, mas mexi com ele e com o grupo. Espero que alguma hora isso seja refletido. Terminei a aula.

Analisando a aula, posso afirmar que foi muito boa, finalizei às 17h47, normalmente deveria terminava às 18 horas (nunca consegui isso), ficamos quase o tempo todo trabalhando, muito bom!

8° aula

Ao chegar na escola, recebi a notícia por um adulto que o grupo havia *aprontado muito naquele dia, provavelmente não seria possível dar minha aula. Sabendo disso*, fui à sala 11, deixei minhas coisas e fui buscá-los. Demorei para reunir todos, mas “Ivaldo” como sempre me ajudou a chamar o restante do grupo.

Chegamos à sala, os meninos queriam fazer aula. Levaram um garoto que não era meu aluno, expliquei a impossibilidade de termos mais alunos nesta aula.

Ao ligar o som na intenção de apresentar novas músicas para o nosso trabalho, apareceu a tutora responsável por três dos *meus meninos*. Irritadíssima, (com razão pelas informações que eu havia recebido). Avisou que levaria um dos meninos para casa e os outros os pais buscariam... Os meninos responderam muito mal à sua chegada. Apresentou-se para mim e disse o motivo de sua braveza. Na frente dos meninos comunicou a injustiça que era o grupo *mais terrível da escola*, ganhar um “prêmio”, o teatro toda sexta-feira, ainda por cima na última aula da semana. Muitas crianças das quais ela também é tutora queriam a aula de teatro, mas não tinham o direito.

Ao ouvir seu discurso, fiquei extremamente balançada, não havia pensado por essa perspectiva, ela tinha razão. O grupo estava tratando a tutora muito mal, xingando, com uma postura bem complicada. Ameaçou-os de tirar minha aula caso continuassem aprontando. Finalizou afirmando que estaria à minha disposição às sextas, na intenção de ajudar-me a recolher as crianças no pátio e providenciar o som, ou o que fosse preciso.

Sua intenção foi boa, porém infeliz ao abordar os meninos dessa forma. Foi incorreto da sua parte falar todas aquelas palavras na frente do grupo, se ainda não

tinha visto minha aula como um prêmio, agora estaria vendo. Atrapalhou, ficou cerca de quase 30 minutos. No fim quando ia embora, pediu para que eu conversasse com ela na sala dos professores quando acabasse a aula. Aceitei!

Revoltados com minha aceitação, os meninos ficaram muito bravos comigo, como se eu tivesse traindo-os. Disseram que eu era igual a todas as professoras, tentei explicar que não era bem assim, trabalhava na escola, conversaria a qualquer hora com quem fosse, o mundo dos adultos, principalmente o de trabalho, funciona assim.

Muito agitados, os meninos ficaram desmotivados, nervosos, tentei conversar, mas a energia estava muito forte, pesada, não era mais hora para conversas e sim, jogos ativos. Tentei ligar o som, mas não dava, tentamos de todas as formas, não funcionava.

“Jozevaldo” se propôs a tentar solucionar o problema da falta de aparelho, acabei liberando-o, não poderia sair da sala e deixá-los sozinhos. Surpreendentemente ele foi, porém, não tinha outro som. Percebi que estavam querendo ter a minha aula, esforçavam-se em me ajudar. “Ivaldo” trouxe um CD com músicas de sua escolha para escutarmos como havíamos combinado, mas infelizmente naquela altura, haviam se passado quase o tempo todo da aula. Teríamos portanto vinte minutos. Os meninos não aceitaram fazer as movimentações sem música, então, decidi encerrar a aula.

Estavam Irritados, inconformados, chateados.

Fui à sala dos professores, a tutora e a coordenadora estavam lá. Comuniquei a coordenadora sobre o som, testamos na sala e pegou, não estava queimado, mas o disjuntor da sala estava desligado. Foi uma falta de comunicação, nunca soube que cada sala havia um disjuntor. Nesta altura, buscar os meninos seria uma perda

de tempo, não dava. Nós três conversamos, os ânimos estavam um pouco exaltados. A falta de comunicação na escola é forte, alguns equívocos poderiam ser evitados. A tutora não sabia quem eu era, reclamou da não comunicação das coisas, entre outras queixas. No meio da conversa uma mãe apareceu para falar com a coordenadora, ela foi atendê-la.

Fiquei sozinha de novo com a tutora. Inconformada, disse não ser justo dar aula para os meninos, e outros alunos, não. Para ela, *estavam em vantagem e ainda tinha aula com a professora “gostosa” da escola*. Fiquei realmente perplexa com o que eu estava ouvindo, argumentei sobre o ponto de vista de vantagens e realmente precisávamos pensar melhor com o grupo gestor. Já *do ponto de vista da gostosa, aquilo não estava em questão*. Voltamos a falar com a coordenadora e decidimos marcar uma reunião com a diretora e resolver esta situação.

Lembrei a coordenadora para deixar bem claro à diretora que desde o começo do ano me prontifiquei a enviar meus relatos às respectivas tutoras, toda semana. E se o problema era dar aula para outras turmas, eu toparia, desde que eu fosse contratada.

A coordenadora depois conversando a sós comigo estranhou a tutora entrar no meio da aula, inclusive com abordagens inadequadas na frente dos alunos. Achava que eu estava fazendo efeito no grupo, era um processo lento, no qual ninguém na escola havia conseguido fazer o que eu estava fazendo. Todos sempre os abandonaram, para ela não seria pedagógico nem justo largá-los agora. A conversa final foi mais tranquilizadora para mim, porém precisávamos da reunião com a equipe gestora para encontrarmos a melhor medida diante dos problemas apontados.

No final de tudo, quando encerrávamos nossa conversa, uma inspetora comunicou que os meninos jogaram na rua dois apagadores pela janela da sala 11.

Sinto que os meninos gostam desta aula, porém, o trabalho é muito lento. Posso afirmar algumas conquistadas: "Ivaldo" e "Caveira" me surpreendem cada vez mais com suas atitudes positivas, chamando atenção do grupo, querendo participar, esforçando-se. "Figurinha" também teve melhoras. "Neymar" e "Jozevaldo", mesmo bagunceiros, adoram dançar, fazem os exercícios, se prontificam sempre em começar os jogos.

"X" ainda esconde-se, nem sempre faz os exercícios, irrita-se facilmente. Quando pergunto se quer ir embora, sempre diz não. "W" anda sumido, falta bastante. "Y" faz bastante bagunça, atrapalha frequentemente, preciso abordá-lo muitas vezes durante a aula, não sinto um vínculo entre nós. Os meninos destacam-se individualmente, estão menos camuflados no grupo, na massa. Vejo um pouco de suas identidades. A relação entre eles melhorou na minha aula. Não sobem mais na mesa a aula toda nem mexem com as pessoas da janela, escutam-me melhor, me respeitam.

9° aula

Na aula passada, resolvemos com a coordenadora e com a tutora fazermos uma reunião com o grupo gestor e decidirmos como faríamos com minha aula. Discutiríamos se continuaria ou se abriríamos uma nova turma de teatro para que nenhum aluno se sentisse em desvantagem na escola. Porém, não foi possível fazer a reunião, no fim da semana falei com a coordenadora e esta disse para dar minha aula normalmente enquanto tentávamos marcar um horário com a diretora.

Comentou que os meninos a procuraram durante essa semana, dizendo que não era justo tirarem a aula deles. Achei interessante essa movimentação do grupo. Não é a primeira vez que se prontificam em discutir algo que os desagradam, que os incomodam para a coordenadora. Pelo visto, o diálogo com ela é positivo, ela os escuta e ao mesmo tempo coloca o ponto de vista da escola.

Quem sabe depois desta movimentação, da turbulência, eles não passam a valorizar mais as aulas de teatro e mudem um pouco suas atitudes em relação à escola?

Posso dizer que um sinal eu vi neste dia. Pela primeira vez fui surpreendida com esses meninos ao buscá-los para minha aula. Ao invés de eu procurá-los como sempre, caçá-los, pedir, implorar, já estavam me procurando para o início. Elogiei, achei o máximo!

Alunos presentes: "Ivaldo", "Caveira", "X", "Jozevaldo", "Y" e "W" . "Figurinha" faltou.

Plano de aula e jogos desenvolvidos (executados) nesta aula:

1° jogo:

Sequência de movimentos

Preparação:

O grupo todo

Foco:

Atenção na sequência dos movimentos e no grupo.

Descrição:

Com música, o instrutor mostra a sequência dos movimentos (começar por quatro movimentos), fazem juntos. A partir do entendimento dos participantes, o instrutor para de dar as coordenadas e o grupo administra sozinho os movimentos, como uma coreografia. Quando interiorizarem bem a movimentação, deixem criar novas coreografias. O instrutor deve estar atento para essa mudança e coordenar quem irá inventar o novo movimento.

Instrução:

Olhem-se!

O movimento é junto!

Escutem a música e tentem fazer no ritmo!

Avaliação:

Exercício coletivo, foco atenção na movimentação conjunta, ver, ouvir.

Notas:

Jogo tradicional, exercitar atenção do grupo, coordenação motora, escuta, olhar, movimento.

Áreas de experiência:

Aquecimento ativo

Jogo de olhar

jogo de movimentação – intenção

Jogo de escuta

Jogo de precisão

2° jogo

Sequência de movimentos com palma

Muito parecido com o exercício anterior, porém, a movimentação é com palmas. Trabalhar precisamente o movimento rítmico do grupo e coordenação motora. As áreas trabalhadas estão de acordo com as do exercício anterior.

3° jogo

Bastão

Como o grupo já experimentou diferentes possibilidades com o bastão nas aulas anteriores, deixá-los agora improvisarem sozinhos.

Desenvolvimento dos jogos:

Sequência de movimentos

O grupo estava envolvido, e inventei uma sequência de movimentação: deitar, sentar, levantar, subir nas mesas e descer. Escolhi deitar por ser um movimento que se recusam a fazer, subir nas mesas por sempre subirem como sinônimo de contravenção, agora seria diferente, o exercício pedia isso.

Comecei coordenando, depois deixei que eles fizessem por conta própria. Havia uma ansiedade natural, mas estavam concentrados. “Jozevaldo” e “Neymar”

propuseram novas movimentações. Esse exercício todos gostaram, não relutaram em fazer nenhum tipo de movimentação.

Sequência de movimentos com palmas

A duração dos exercícios é sempre bem curta, concentram-se pouco tempo em uma atividade, logo distraem-se com a música, com um colega e querem outro exercício. Propus este jogo rítmico, semelhante ao anterior, porém, exigia uma concentração focada em ritmos. A sequência era bem simples: quatro palmas, três batidas nas coxas, duas palmas, duas batidas nas coxas, uma palma e uma coxa. Quando mostrei, dois deles já disseram que era muito difícil, não dava. Falei que até os meus alunos pequeninhos conseguiam. A resistência durou pouco. Fizemos, mas não estavam animados, propus então a movimentação, mas em cima das mesas. Subiram, e, por conta própria, distribuíram-se da seguinte forma: três do lado direito, três do lado esquerdo e um no centro da sala em cima da mesa. Não conseguiam fazer juntos o movimento, então deixei que se organizassem. “W” irritou-se, porque não dava certo e tomou a atitude de descer da mesa ir para o centro da sala e coordenar o grupo, liderar, de forma interessante.

Bastão

Comecei direto com dois bastões na roda, queriam inventar novas movimentações, o grupo já estava dispersando, “Neymar” desistiu de fazer, não estava com vontade, “Y” começou a atrapalhar o grupo, “X” passou a fazer movimentos aleatórios, até descobrir um movimento diferente. Colocou o bastão nos joelhos semiflexionado, o bastão foi jogado para cima e ele pegou. Achei o máximo, elogiei, coloquei como desafio “Y” pegar no alto o bastão. Passaram a exercitar esse movimento.

Resolvi dispensar dez minutos mais cedo o grupo, estavam dispersos novamente, entrando em brincadeiras ruins, para não ter nenhum tipo de constrangimento entre eu e eles, encerrei a aula.

Figura.3 - Jogo dos números



Figura. 4 - Jogo dos números



Figura. 5 - Percussão corporal



10° aula

Mesmo com todas as questões acontecidas e já mencionadas, a aula passada foi muito boa. Eles estavam ativos, participativos, cooperativos e, principalmente, se divertindo. Esta semana e a passada não foi possível encontrar o grupo gestor para discutirmos sobre a aula de teatro. Como isso não ocorreu, a coordenadora pediu que eu viesse normalmente fazer o meu trabalho.

Desta vez dei aula na sala 02, consegui deixar a sala arrumada, inclusive com as cadeiras arrastadas na parede para depois pegar os meninos no pátio.

Eu, “Caveira”, “X” e “Ivaldo” chegamos juntos na sala e ficamos esperando “Y” e “Jozevaldo” falarem com a coordenadora, haviam batido em um menino menor.

Não dava para começar sem eles, então, aproveitei o momento para tentar conversar um pouco com o grupo.

Sinto que tenho um vínculo mais forte com “Caveira” e “Ivaldo”, diferentemente do “X” que sempre rejeita o que falo, nega qualquer coisa antes de ouvir a proposta. Perguntei se gostavam da minha aula. “Caveira” e “Ivaldo” disseram que antes gostavam mais, perderam um pouco a vontade, porque a tutora o tempo todo os ameaça de tirá-los do teatro e colocar meninas em seus lugares. “X” não respondia, falava de outra coisa ao mesmo tempo que conversávamos.

Perguntei o que gostavam de fazer fora da escola. “Caveira” disse que gostava de jogar futebol e vídeo game. “Ivaldo” gostava de jogar futebol. “X” respondeu que gostava de cabular aula. Falei para “X” que eu perguntava fora da

escola, aproveitei e perguntei o que ele achava da minha aula. Disse “sei lá”. Tudo que eu perguntava a ele, era: “sei lá”. Provoquei-o, perguntando se só sabia falar sei lá, mas não adiantou, continuou com a mesma resposta.

Perguntei sobre os gostos musicais deles. “Caveira” e “Ivaldo” topam são mais escutar outras músicas sem ser o funk, ao contrário de “X”. “X” tem dificuldade em olhar nos olhos, além de muitas vezes desistir do jogo antes mesmo de começar.

Depois da conversa, chegou o resto do grupo: “Jozevaldo” e “Y” deram chute na porta, derrubando as cadeira. Comentei que não precisava daquilo para entrar na sala.

Alunos presentes: “Ivaldo”, “Caveira”, “Y”, “Jozevaldo” e “X”. “Figurinha” faltou novamente.

Tentei conversar com o grupo, expliquei que nossas aulas acabariam no fim de outubro. Perguntaram para mim se eu iria embora para sempre da escola. Falei que provavelmente. Comentaram que eu poderia trabalhar lá, dando aula de teatro para a 5ª série, pois não tinham teatro. Senti o grupo abalado com o término. Dei sequência à conversa perguntando se queriam fazer uma apresentação aberta na escola, mas a resposta foi negativa, estavam com medo de serem “zuados”, afinal, eles sempre fazem brincadeiras de mau gosto com todos, seria boa hora para os outros alunos descontarem. Falei de colocarmos no youtube um vídeo do nosso trabalho, mas, ao contrário do início do ano, não queriam mais. Gravaría então um vídeo com trechos das aulas, fotos e filmagens e, no fim, daria para cada e para a escola uma cópia. Não se animaram.

Estavam desanimados, não queriam fazer nada.

Plano de aula e jogos desenvolvidos (executados) nesta aula:**1° jogo**

Bastão na horizontal luta

2° jogo

Bastão luta de espadas

3° jogo

Jogo do barco com cadeiras

Preparação:

O grupo todo.

Foco:

Passar para a próxima cadeira sem cair.

Descrição:

O grupo todo em pé no mínimo de cadeiras possíveis, contanto que caibam todos juntos apertados. Uma cadeira fica vazia, esta serve para o grupo se transportar de cadeira para cadeira, saindo do lugar. Ninguém pode cair se não sai do jogo ou começa tudo novamente.

Instrução:

Segurem-se. Ajudem o colega a pegar a cadeira.

Avaliação

Jogo de cooperação.

Notas

Esse jogo avalia o cooperativismo do grupo e suas estratégias.

Áreas de experiência:

Aquecimento ativo

Jogo de movimentação

Jogo de estratégia e precisão

Desenvolvimento dos jogos:

Bastão na horizontal luta

Por vontade dos próprios, os alunos pegaram os bastões e brincaram entre eles.

Fiz exercício de lutas com bastões (duplas) para descarregarem energia.

“Jozevaldo e “Caveira” fizeram muito bem, exploraram planos, foi interessante. “Caveira” e “Jozevaldo” sempre se disponibilizam para fazer as atividades e procuram fazer bem os exercícios.

“X” tentou fazer com “Ivaldo”, mas logo desistiu, falando que ele o havia machucado. Percebi que essa acusação não foi verídica e sim mais uma de suas fugas.

“Ivaldo” tentou fazer dupla com “Y”, mas “Y” tem dificuldade em prestar atenção no jogo, parar de brincar, atrapalhar menos os colegas. Desestimulado, “Ivaldo” desistiu.

Bastão vertical espada

Aproveitei que “Caveira” e “Jozevaldo” estavam empenhados na atividade e estendi para uma luta como se fossem espadas, deixei criarem sozinhos. “Jozevaldo” passou o bastão por baixo das pernas de “Caveira”, que atento pulou o bastão, fazendo o mesmo com “Jozevaldo”. É bom ver uma proposta pequena se

transformar pelos alunos em diferentes possibilidades. Esse processo de criação é fundamental para o grupo.

Mas nem todos estavam inseridos no movimento, o restante estava bagunçando, deixei que terminassem para propor outra coisa. Para “Jozevaldo” e “Caveira” foi importante essa criatividade em conjunto.

Jogo do barco com cadeiras

Vendo o grupo fragmentado, resolvi propor o Jogo do barco com cadeiras e observar como era a cooperatividade do grupo. Expliquei o jogo e ficaram animados com a proposta. Seria necessária apenas duas cadeiras para ficarem juntos e uma vazia.

Quando todos subiram nas duas cadeiras, “X” logo desistiu, disse que não daria, que iria cair. Ficou sentado olhando. Não insisti para entrar na brincadeira, queria ver sua reação. Quando o jogo começou, “X” viu a diversão do grupo, queria que parasse para entrar. Falei que as oportunidades não funcionavam assim, deveria ter entrado no começo, não deu tempo nem de sentir dificuldade para logo desistir. Essa medida que tomei nem sempre é adequada, mas como ele frequentemente desiste antes de começar qualquer coisa, achei interessante tentar esse meio, essa intervenção e observá-lo.

O grupo mostrou-se unido, ajudando um ao outro, logo encontraram maneiras facilitando o andamento das cadeiras, foram inteligentes e unidos. Quando alguém se desequilibrava seguravam-se, mostrando uma grande cooperação de grupo.

Fotografia

Expliquei e entenderam, mas ficaram com vergonha pela exposição que o jogo propunha. Surpreendentemente o primeiro a candidatar-se a começar foi “X”. Propôs uma ação, mas logo desistiu e saiu do jogo.

“Y” não deu nem tempo para eu falar com “X” e logo propôs a sua movimentação: andar de carro. Em seguida, “Caveira” estendeu-se bastante na movimentação, fazendo caras e bocas, mas não criou outra ação, permaneceu também no carro. “X” entrou fazendo um motoqueiro. Os meninos sentiram dificuldade em permanecer estátua após o seu movimento. “Jozevaldo” propôs andar de bicicleta e “Ivaldo”, o mesmo. Acabamos a aula às 18 horas em ponto, conseguimos aproveitar o tempo todo da aula.

Avaliando essa aula, posso dizer: começou com a energia baixa, pela primeira vez, mas melhorou ao longo do tempo. A não atenção para o “X”, a provocação que fiz de suas desistências, foi boa. Por mais que tenha desistido, teve a iniciativa de começar o jogo da fotografia, um dos jogos de maior exposição individual. Senti que o grupo tem grande dificuldade em permanecer parado, como estátua. Assim como no processo de criação, não criam, reproduzem. É necessário fazer um trabalho com referências para depois criar seus repertórios e suas cenas.

11° aula

A aula passada mesmo com poucos alunos, foi boa. Começamos com a energia baixa, mas ao longo do tempo foi melhorando. Consegui fazer algumas coisas interessantes, por exemplo: o jogo do barco, um começo de mímica, diferente e inédito naquele grupo. Percebi que preciso dar elementos para eles criarem, oferecer-lhes repertório, antes da criação individual. Filmei ambas as atividades, do começo ao fim, foi ótimo. Consegui permanecer na sala até o fim, 18 horas.

Neste dia, fiz propostas diferentes das normais. Hoje iria dar: vídeo artístico que fiz das aulas e uma atividade plástica. Estava ansiosa, não sabia como iriam responder.

Cheguei na escola, que estava agitada pela Mostra Cultural no dia seguinte. Professores e alunos espalhados pelos corredores pintando, organizando, arrumando coisas para a Mostra. Mas os meus meninos estavam na quadra, espalhados por ali. Encontrei “Figurinha” jogando bola, perguntei se estava bem, fazia tempo que não o via. Respondeu secamente que estava com um problema nos joelhos. E voltou a jogar. Foi bem difícil chamar os meninos, só depois de vinte minutos consegui juntar todos. Quando estávamos subindo as escadas, “Figurinha” pegou um besouro e ficou assustando as crianças pequenas. Pedi para parar e avisei que aquele bicho não entraria na minha aula, deveria escolher ou o bicho ou a aula. Jogou o bicho nas crianças e foi para sala.

O grupo estava praticamente inteiro, só faltou “W”.

Levei o laptop para mostrar o vídeo da apresentação do meu TCC, com imagens do nosso processo de aula. Contei que o vídeo era artístico, não mostrava o rosto deles. Invocados perguntaram:

- Porque não pode ver meu rosto?

Sem a autorização de seus respectivos pais, como pedi no começo de nossas aulas, não poderia mostrar suas imagens. Aproveitei e expliquei a importância dessa lei.

Não gostaram muito da minha resposta. Achei que assistindo o vídeo entenderiam melhor. Mas a tecnologia desta vez não foi muito boa. Fiquei na mão. Computador deu problema!

Perceberam meu empenho em solucionar aquela situação, mas já havíamos perdido muito tempo. Então resolvi assim mesmo, fazer a atividade plástica que estava planejada para depois do vídeo..

Aproveitando que eu não poderia mostrar o rosto das crianças, no meu TCC pedi para que desenhassem seus corpos com a ajuda de um colega no papel Kraft e depois o dono do corpo desenhado criaria uma personagem para ele, como gostaria de ser, sua roupas, profissões, gostos, etc. Reclamaram um pouco, mas logo estavam fazendo. “X” não quis. Reclamou desde o começo da atividade, (na explicação). Provoquei-o perguntado se o personagem dele seria “o nada”. Não me admirava se fosse, tudo o que eu sempre perguntava para ele, era “sei lá”. Ficou mexido, até sentou para ver seu contorno, mas desistiu e foi bagunçar com o desenho dos colegas. Desconsiderei o dele.

“Y” também não conseguiu levar a sério a atividade, começou a bagunçar com seu próprio desenho. Falei que iria desconsiderar o dele, até porque não era só ele que fazia, mas “Figurinha” estava junto.

Com preguiça, os meninos não queriam escrever as características de suas personagens. A condição para ter a escrita no trabalho seria eles ditarem e eu

escrever. Acabei aceitando, pois era muito importante para mim essas descrições no papel.

“Figurinha” saiu do desenho de “Y” e surpreendentemente fez o dele. No desenho fez: cabelo espetado, um desenho na parte do peito e barriga, olhos, sobrancelhas rebeldes, orelhas, um pênis gigante, meias de jogador de futebol e chuteiras.

“Nome: Figurinha, 92 anos, time “Banani”, (primeiro colocou que tinha matado todos da família, escreveu outros dados e mudou de ideia), tem família, gosta de funk e reggaeton, traficante, 50 namoradas, terrorista, matou um monte de professoras do Amorim Lima.”

“Caveira”, além de se prontificar a desenhar seus colegas, desenhou seu corpo sem bagunçar. Fez: um cabelo arrepiado, óculos escuros, boca carnuda, preocupou-se em pintar o desenho, fez uma camiseta de marca, desenhou meias, tênis.

“Nome: Caveira, 19 anos, não tem família, só mãe, gosta de ouvir funk e reggaeton, trabalha na boca (de fumo), não namora, estudou até 8ª série, mora no Complexo do Alemão.”

“Ivaldo” ajudou os colegas na hora de desenhar seus corpos, mas foi eu quem desenei o seu. Fez: cabelos arrepiados, óculos escuros, sorrindo, aparelho nos dentes, camiseta de marca, no braço direito tatuado “Amor de mãe”, no braço esquerdo escreveu “Maria”, com relógio, calça “Adidas”, caneleira, tênis “Nike”.

“Nome: Ivaldo, 18 anos, tem família, abandonado pelo pai, time São Paulo, não usa drogas, só às vezes, trabalha em uma loja, tem namorada.”

“Jozevaldo” fez sua personagem com cabelos de fogo, olhos, sendo o direito parecendo machucado, na parte da camiseta um logo de uma marca. Foi o único

que escreveu com sua própria letra as características da sua personagem. Ajudei perguntando alguns pontos.

“Jozevaldo, mora sozinho, não tem família, time do coração é o São Paulo, não estuda, é traficante, mora no Rio Grande do Sul, tem namorada.”

“Neymar” me chamou atenção. Ficou o tempo todo concentrado no seu desenho, os meninos tentaram lhe atrapalhar, mas ele não ligou. Desenhou: cabelo espetado loiro (parecido com o seu), uma cicatriz na testa, olhos, um cigarro na boca com fumacinha, camiseta pintada com o logo da marca, tatuagem de cobra no braço direito e pulseira, no braço esquerdo colocou o relógio, bermuda, meias longas de jogador de futebol, chuteiras. Escrevi suas características, eram:

“Nome: Neymar 18 anos, tem família (todos), time do coração é o Santos, mora na praia, escuta pancadão. Jogador de futebol, tem quatro namoradas, usa drogas às vezes, é rico, milionário.”

Terminaram já era hora de embora, estavam eufóricos para saírem para a rua.

“Ivaldo”, “Caveira” e “Neymar” me ajudaram a pegar um pouco do material (canetinhas, lápis de cor e giz de cera) que estavam espalhados pela sala.

Falei que a próxima aula traria novamente o laptop e mostraria o vídeo.

Figura. 6 - Desenhando sua personagem



Figura. 7 - Desenhando sua personagem



Figura. 8 - Desenhando sua personagem



Figura. 9 - Desenhando o contorno do corpo do colega



A aula passada foi diferente, fizemos uma atividade plástica: desenhar os corpos dos meninos, inventar seus respectivos personagens, de acordo com o que queriam para suas vidas. Neste dia estavam todos presentes, menos “W”. Os meninos toparam fazer, criaram, desenharam. Desconsiderei o trabalho de “Y” e de “X”, porque estavam brincando demais, não fazendo a proposta pedida. Havia planejado naquela aula mostrar o vídeo do meu TCC, porém meu computador travou, não sendo possível mostrar o que eu havia feito. Prometi que mostraria na próxima aula.

Durante a semana, na PUC, assisti uma palestra sobre Justiça Restaurativa, e achei a ideia interessantíssima para propor na escola Amorim Lima. A proposta da palestra esta ligada à resolução de conflitos e, por isso, pensei imediatamente nos meninos, porque eles todos os dias encontram em confusões. A Justiça Restaurativa é um movimento relativamente novo na Brasil e esta sendo implantado principalmente nas escolas. Um processo através do qual as partes envolvidas num conflito decidem em conjunto como lidar com os efeitos deste e com as suas consequências futuras. Ou seja, em uma reunião, com todos os envolvidos (alunos), inclusive, familiares, gestores da escola e professores, conversam abertamente sobre o acontecido, ouvindo todas as partes em conjunto na resolução do problema, como se fosse um tribunal.

Fui para a escola com essa ideia fixa na minha cabeça, precisava apresentar para a coordenação a Justiça Restaurativa. Quem sabe assim, os conflitos poderiam diminuir e tomar outra conotação para os envolvidos. Cheguei no Amorim Lima e fui direto conversar com a coordenadora. Perguntei como havia sido a semana. Animada, me contou que haviam feito a Justiça Restaurativa. Uma juíza ministrou

uma palestra na escola, ela disse que gostaram da ideia e já estavam implantando. Fizeram uma sessão com os meninos e parece que foi forte, parece que mexeu com eles. Interessante. Ela disse que terão outras sessões. Quando eu estava conversando com a coordenadora, apareceu “Jozevaldo” e “Caveira” me procurando. Fiquei animada, achei que desta vez não seria tão trabalhoso pegá-los. Engano meu. Fiquei vinte e quatro minutos atrás do grupo para conseguirmos ir à sala, mais quinze minutos para organizá-los e começar. Nesse tempo em que eu estava juntando o grupo na quadra, encontrei “Neymar” jogando bola. Chamei-o para subir, disse que dessa vez não iria, não estava com vontade de ficar trancado em uma sala, queria jogar bola. Tentei convencê-lo, estava terminando nossos encontros, seria legal se fosse, queria finalizar com ele junto, elogiei-o, mas não teve jeito, não foi.

Alunos presentes: “Jozevaldo”, “Ivaldo”, “Caveira” e “Y”. O restante do grupo faltou.

É muito complicado fazer a aula quando o grupo está pequeno, ficam desestimulados, e quando um resolve bagunçar, como foi o caso de “Y”, termina facilmente a atividade, formando um grande caos.

Perguntaram se eu havia levado o computador para mostrar o vídeo. Falei que não, porque enquanto eu tivesse que ficar quase meia hora atrás deles, não traria o computador. Não tinha sentido, eu de ônibus, levar aquele peso nas costas, sem nenhum tipo de cooperação da parte deles em subir para minha aula. Com toda aquela demora, o tempo de ligar o computador e mostrar o vídeo já acabaria nossa aula. Quando mostrarem mais agilidade na hora de ir para a sala pensaria em levar o vídeo.

Estavam agitadíssimos. “Y” estava querendo barbarizar, subiu na mesa, derrubou carteira. Gritava, estava terrível, assim como “Jozevaldo”.

Descobri na minha 12ª aula que “Ivaldo” é irmão de “Jozevaldo”, apesar de terem um ano de diferença, são bem diferentes um do outro, tanto fisicamente como na atitude.

Falei para o grupo que finalizaria minha aula antes, no meio de outubro, perguntaram se no meu trabalho escrito eu ficaria falando mau deles. Falei que não, expliquei que relatava nossas aulas, mas tudo acompanhado de teoria, estudos. Fiquei surpreendida porque o grupo teve curiosidade em saber o porquê de eu estar lá.

Enquanto eu arrumava a sala, me questionaram se eu era rica. Perguntei se eles achavam realmente que eu era rica. Disseram que sim. Falei que se eu fosse rica, estaria na praia, tomando sol e água de coco. Perguntaram se eu tinha carro. Falei que não, que vinha de ônibus dar aula para eles, depois pegava outro para faculdade e mais um de volta para casa. Ficaram surpreendidos. Então, perguntaram se meu marido tinha carro, disse que não. Mas mesmo assim achavam que eu era rica.

Plano de aula e jogos desenvolvidos (executados) nesta aula:

1º jogo

Tempos Musicais

Preparação

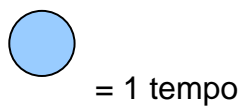
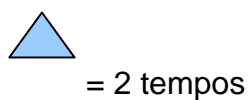
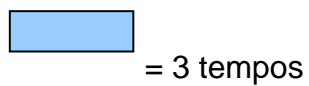
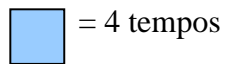
Primeiro individualmente, depois duplas e o grupo todo por último.

Foco:

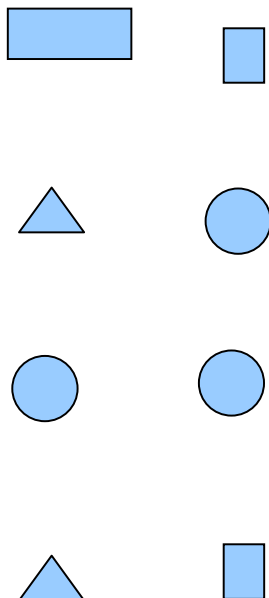
Prestar atenção nas formas e nos tempos correspondidos com cada forma.

Descrição:

Desenhar na lousa:



Esses símbolos representavam uma partitura musical, cada forma corresponde aos tempos indicados. Desenhar no chão essas formas intercaladas, assim:



A quantidade o instrutor escolhe.

As crianças pulam nas formas, como se fosse um jogo de amarelinha, porém com os tempos correspondidos de cada forma e no ritmo da música.

Começar individualmente o jogo, porém, utilizando a plateia. Depois em duplas, um atrás do outro irão pular nas formas e por fim o coletivo (em fila).

Ideal que o instrutor ajude na contagem e depois deixe que os alunos contem por conta própria.

Instrução

Preste atenção na contagem e na forma.

Não tem pressa.

Calma!

Avaliação

Esse jogo trabalha as formas, matemática, coordenação motora e atenção.

Notas

Esse jogo nos possibilita ver se o aluno tem coordenação motora, tempos, se consegue segurar sua ansiedade.

Trabalha também plateia.

Áreas de experiência:

Aquecimento ativo.

Jogo de movimentação.

Jogo musical.

jogo de precisão.

2° jogo

Corrida das cadeiras

Preparação: O grupo todo

Foco: Passar para a próxima cadeira sem cair. Quem chegar primeiro ganha.

Descrição:

Em fila, cinco ou mais jogadores sobem cada um em uma cadeira. Uma outra cadeira, vazia, é a primeira da fila. Cada jogador passa para a cadeira à sua frente, deixando vazia a última. Então, com as mãos, eles passam a última cadeira, a que está vazia, para o primeiro lugar e avançam mais uma vez outra cadeira, dando novamente um passo à frente, repetindo todo o processo e, assim por diante, pondo a fila em movimento.

Instrução:

Vai!

Não vale jogar a cadeira!

Não pode colocar os pés no chão, equilíbrio.

Avaliação

Jogo competitivo

Notas

Esse jogo avalia como é a competição no grupo, as estratégias de cada um.

Áreas de experiência:

Aquecimento ativo

Equilíbrio

Estratégia.

Desenvolvimento dos jogos:**Tempos Musicais**

Desta vez decidi que não colocaria o CD de funk, mas sim um som diferente dos que costumam escutar. Coloquei “Barbatuques”, grupo musical que faz música utilizando-se de sons corporais. Reclamaram, mas acabaram aceitando e até

dançando. A proposta desta aula era rítmica. Perguntei se alguém sabia tocar algum instrumento. “Y”, estava todo engraçadinho, disse que sabia tocar bateria. Ok, se sabia tocar, nada melhor ele para explicar para o grupo como funcionavam os tempos musicais. Ficou super sem graça e parou um pouco de aparecer para os meninos. Esse exercício eu aprendi com o grupo musical Uakti em uma aula que fiz com eles.

Foi bem interessante esse exercício. O primeiro que se apresentou foi “Jozevaldo”, ansioso, não conseguia fazer toda escala de formas. Eu precisava falar o tempo relacionado com cada forma. Tentou algumas vezes até conseguir quase fazer a escala toda. “Caveira” fez muito bem, com minha ajuda nos tempos. “Ivaldo” não queria fazer, estava com vergonha, depois tentou, mas teve bastante dificuldade. “Ivaldo” é mais tímido, menos auto confiante como “Jozevaldo”, tem dificuldade em jogos corporais. Seu corpo é grande, talvez se atrapalhe um pouco com seu crescimento. Mas fez até o final com minha ajuda.

“Y” o tempo todo ficou debochando do exercício, dizia que iria fazer e fazia tudo errado de propósito. Fiz o jogo inverso com ele, disse que ele não conseguia fazer, por isso estava o tempo todo bagunçando. Tentou. Percebi que tinha dificuldade, logo desistiu, bagunçando ainda mais, subindo nas carteiras, ameaçando jogar o apagador e fazendo pó, ao bater um apagador no outro. Pegou uma cadeira, subiu e fez uma simulação do jogo do barco com cadeiras que havíamos feito na aula anterior.

“Neymar” apareceu no meio da aula, olhou, jogou uma vez e foi embora levando com ele “Jozevaldo”. O grupo estava cada vez mais disperso, aproveitei a “deixa” que “Y” deu das cadeiras, e passei o jogo, “a corrida das cadeiras”.

Corrida das cadeiras

Começaram, ansiosos, coloquei o jogo como uma competição, mas na primeira vez “Caveira” ficou em uma posição desfavorecida, pedi para voltarem, pois “Caveira” estava prejudicado. “Y” fez questão de não parar e ir até o fim. Pedi para arrumar as cadeiras de novo na posição, não arrumou, eu peguei uma, usei o argumento que seria metade para cada, agora ele pegava a outra. Assim, negociando, pegou. Na hora de começar novamente, “Y” já estava na frente, “roubando no jogo”, falei que não iria começar enquanto não se colocasse como os outros jogadores. “Y” desistiu de jogar. Subiu nas mesas e ficou bagunçando. “Caveira” e “Ivaldo” fizeram o jogo até o fim, elogiei bastante, depois liberei dez minutos mais cedo, pois no meio do jogo “Y” havia ido embora, não tinha sentido dar a aula só para dois alunos. Falei para “Y” que se fosse para fazer a aula como estava, que fosse embora, não ficasse mais conosco, estava finalizando meu trabalho e gostaria de fechar de forma boa. Não respondeu, deu as costas e foi embora.

A aula foi extremamente curta, mas o jogo de ritmos foi muito interessante, quero fazer mais uma vez com o grupo todo. Esse exercício trabalha atenção, coordenação motora, matemática, além de ser divertido. Vale a pena passá-lo novamente.

13° aula

A aula passada foi curta e com poucos alunos, mas os exercícios foram bons. Apliquei um jogo de ritmos com partitura de formas geométricas que foi ótimo. Exigia concentração, contagem de tempos, coordenação motora, uso da plateia, com vários elementos simultâneos, um desafio para eles. Não consegui envolver todos, só e ficamos no exercício individual. A meta nesta aula era trabalhar esses ritmos retomando o individual, para as duplas e finalizar com o grupo nos tempos determinados pelas formas.

Porém, desta vez foi diferente. Fui com os meninos até nossa sala, a professora que faz a aula anterior a minha estava um pouco atrasada, ficamos no corredor esperando ela acabar sua aula para entrarmos.

Estavam: “Figurinha”, “Ivaldo”, “Caveira” e “X”. “Neymar” havia se machucado, estava no térreo na enfermaria. “W” faltou, “Y” e “Jozevaldo” foram transferidos para o período da manhã como estratégia da gestão em dividir o grupo da massa.

Estavam bem agitados no corredor. “Figurinha” jogou um papel de bala no chão. Olhei, e falei que havia deixado cair o papel de bala. Ignorou, repeti, afirmando que havia jogado no chão o papel de bala e era para pegar. Recusou. Perguntei se fazia isso na casa dele. Disse que sim, morava no lixão e ele era um lixão. Quando ouvi isso, vi que as coisas estavam complicadas. “Figurinha” estava não só agitado, como violento verbalmente.

Fomos para a sala, os meninos estavam muito agitados, não me escutando. Deixei bagunçarem enquanto arrumava minhas coisas. Quando fui chamar atenção do grupo para começarmos a aula, havia um menino diferente escondido na sala. Fui até ele, pedi que levantasse e fosse embora. Recusou-se, assistiria minha aula.

Começou a correr pela sala, fazendo graça e agitando ainda mais o grupo. Perguntei seu nome, mas estava mentindo, os meninos o chamavam de outros nomes. Fiquei um bom tempo tentando tirá-lo da sala, quando finalmente saiu, a sala estava praticamente de ponta cabeça. Todos em cima da mesa, correndo e fazendo guerra de giz. Pegaram uma caixa de giz inteira, quebraram todos e jogaram um no outro. Pedia para parar mas era em vão, gritei, fiz de tudo, mas não adiantava. “Figurinha” estava impossível, pedi para parar, era nossa penúltima aula, falava um monte de besteiras para mim. “Ivaldo” e “X” começaram a se estranhar de tal forma, a ponto de “Ivaldo” pegar uma cadeira e ameaçar em jogar na cabeça de “X”. Foi aí que resolvi pedir ajuda, pois estavam incontrolláveis. Antes falei que da minha decepção em relação à eles. Me dava dó vê-los daquela forma, “Figurinha” era um menino da idade do meu filho, não precisava se transformar em um menino de rua. Ele confundiu minhas palavras, dizendo que não queria ser meu filho, nunca pediu para eu dar aula para eles...estava bem atrapalhado em suas ideias, parei de falar e fui buscar ajuda.

A coordenadora e a diretora não estavam. Pedi reforço para o inspetor Alan e uma professora. Fomos até a sala, já não estavam mais lá. Havia vários pedaços de giz espalhados pelo corredor e escadaria, cadeiras e mesas jogadas no chão, nos dividimos nos andares, para procurá-los, em vão. Fomos para a quadra, não estavam. A professora teve a ideia de ir ao jardim da escola e lá estavam. Escondidos, como crianças brincando de esconde-esconde. Todos, menos “X”.

Fomos para a secretaria. “Neymar” começou a chorar, pedi que o dispensassem, pois não estava na bagunça, havia machucado o joelho antes de irmos para a sala. Na secretaria não falavam nada, a professora perguntava o que tinha acontecido, só respondiam “nada”, estavam brincando. Falei para “Figurinha”

repetir as besteiras que havia dito para mim, afirmava que não tinha dito nada. Tentei conversar com “Ivaldo”, mas estava muito difícil, estava muito nervoso. Falei a sós para ele: era um menino que nunca havia dado problemas, mas agindo daquela forma não dava, se jogasse a cadeira no “X” iria machucá-lo muito. Eu era responsável por eles naquele momento e não podia deixar que isso ocorresse. A professora tentava ligar para os pais, para buscá-los, caso não conseguisse, voltariam com a viatura para casa.

Foram arrumar a sala. “X” apareceu, como se nada tivesse acontecido. Tentei falar com ele, mas em vão, afinal, não consegui criar um vínculo a ponto de escutar-me.

Enquanto arrumavam a sala, apareci, falei que não precisava ter acontecido tudo aquilo. Sentia muito terminar meu trabalho daquela forma, porque depois de tudo, talvez eu fosse embora mesmo, sem finalização. Mais uma vez eles não aproveitaram a oportunidade que a escola estava dando para eles. Falei para acordarem, a vida estava passando, daquela forma não iam a lugar algum, somente para o caminho ruim da vida e muitos não precisavam passar por aquilo. Acreditava neles por isso estava lá. Escutaram o que falei. “Figurinha” falou algumas besteiras, mas o restante do grupo escutou.

Estava quase indo embora, “Caveira” me perguntou se queria que limpasse mais alguma coisa, aproveite e falei a sós com ele. Era um menino muito especial, diferenciava-se de muitos dos outros, sabia cantar, dançar, era criativo, amoroso, não precisava fazer parte daquela massa, podia muito mais. Fiquei emocionada, porque gosto muito dele e sei o quanto esse menino tem condições de ir para frente e não para trás. Seus olhos estavam cheio de lágrimas, vi que sabia do que eu estava falando. Nos conectamos, tenho certeza.

Falei com “Neymar” também, as mesmas palavra que falei para “Caveira”. Elogiei ambos, disse que gostei muito de conhecê-los e acreditava no potencial deles. “Neymar” também escutou e se emocionou.

Fui embora, com o coração apertado. Pensar neles voltando com a polícia era muito ruim. Não é possível que a situação desses meninos fique assim. Estava inconformada, triste, sensação estranha, inacabada.

Se darei minha última aula? Ainda não sei. No momento não tenho condições de dizer. Quero pelo menos, mostrar para os professores o quanto esses meninos podem ser capazes. Mostrar o que fiz, o que podemos fazer, medidas para amenizar essa situação, ou pelo menos que diminuam as frequências de tantas confusões feitas por eles.

14° aula

Foi muito difícil semana passada. Os meninos estavam extremamente agitados e violentos. Pela primeira vez tive que pedir ajuda para um inspetor e uma professora, porque a gestão não estava. Perdi totalmente o controle da sala, ninguém me ouvia, estavam em um nível de aceleração que não se escutavam, nem me escutavam. Em cima da mesa (todos), faziam guerra de giz, até “Ivaldo” ameaçar jogar uma cadeira na cabeça de “X”. Foram para a secretaria. A professora tentou falar com os respectivos pais, mas não conseguiu, e eles foram obrigados a voltar para casa de viatura. Seria minha penúltima aula, mas com o acontecido talvez fosse a última, eu estava muito decepcionada com tudo que aconteceu. Abalada.

Sai da escola triste, decepcionada, inconformada. Senti como se meu trabalho todo tivesse ido para o ralo. Pensei muito no ocorrido, relatei o penúltimo dia também com o talvez uma forma de se rebelarem contra mim. Conversei com minha orientadora, com amigos, pensei e repensei. Precisava finalizar, fazer um fechamento com eles. Mesmo que fosse só com dois alunos. Mas da forma que foi não era justo, não dava. Resolvi então voltar na escola e fazer minha última aula, mostrar o vídeo como prometido. Eles precisavam se ver. Assistir o quanto podiam ser melhores e o quanto podem progredir sem ficar fazendo coisas que só vão trazê-los cada vez mais para baixo.

Cheguei na escola e estavam em uma reunião coletiva no salão com uma professora dando as orientações para uma viagem que a escola toda vai fazer para uma fazenda. Encontrei-os, sentadinhos, “Neymar” logo me chamou. Falei para terminarem a reunião e depois eu conversaria com eles.

Terminada a reunião, vieram até mim. “Neymar” e “Caveira” disseram ter pensado a semana toda em mim, achavam que eu não voltaria mais. Surpresa com seus olhares, estavam doces, pareciam realmente arrependidos. Falei que havia pensado mesmo em não voltar, mas achava que precisava fazer um fechamento com eles. A aula seria diferente, na sala de informática, para isso precisávamos fazer alguns combinados. Avisei para se comportarem. Não poderiam mexer nos computadores, porque iríamos somente por causa do vídeo, não era para subir nas cadeiras. Se alguém fizesse algo errado, seria tirado da aula e perderia o vídeo. Eles concordaram e prometeram bom comportamento.

Estavam: “Neymar”, “Ivaldo”, “X”, “W” e “Caveira”. “Figurinha” faltou. “Y” e “Jozevaldo” passaram a frequentar a escola no período da manhã.

Fomos para a sala então e consegui ainda um esquema para fazer a projeção do vídeo na parede. Foi demais, porque parecia cinema. Eles estavam extremamente encantados com o que estavam vendo. Pareciam outros meninos. Rostos felizes, risadas, havia momentos em que ficavam sérios, olhavam, comentavam... Estavam surpresos com o resultado final, realmente não imaginavam nada daquilo. Até “X” estava adorando o vídeo, e foi quem mais falou. Eles diziam:

- Olha lá!
- Esse dia eu não estava!
- Foi legal isso!
- Olha o “fulano”... olha o “sicrano”!
- Ele quebrou o bastão!
- Que engraçado!
- Nossa!
- Olha lá pessoal!

- Quem é esse?
- É você! Eu estava sentado nessa hora!
- Que música é essa?
- Essa imagem é estranha, parece que a gente morreu...
- aquelas fotografias antigas... (“X” disse)
- Olha o funk (dançando em suas cadeiras)
- Olha a dancinha...
- Vamos ver de novo professora!?

Ao terminar o vídeo, conversei um pouco com eles antes de passar o vídeo novamente e comecei com uma pergunta e iniciamos um diálogo:

- E aí? O que vocês acharam?
- Tá muito legal, muito da hora, muito bom professora!
- Vocês acharam legal o vídeo?
- Muito!
- Vocês perceberam como podem fazer coisas legais?
- Eu queria ver mais uma vez, disse “Neymar”.
- Vocês querem ver de novo? Mas vamos conversar só mais um pouco. Vocês perceberam que, caso se dedicassem de verdade, poderíamos ter colocado muito mais coisas no vídeo? Eu planejava para vocês oito jogos, sabe quantos fizemos?
- Quatro? (“Ivaldo”)

- Não, dois... Se vocês tivessem um pouco mais concentrados, eu poderia colocar muito mais coisas aí... então, a minha mensagem para vocês, é que eu vou embora, meu trabalho acabou.
- A senhora não vai voltar mais não? (“X” me interrompeu)
- Não.
- Por quê?
- Porque meu trabalho já foi.
- Vai embora desse jeito, né?
- Eu não recebi nada para dar aula para vocês, foi a minha pesquisa...
- Mas nós demos para você alegria! (disse “Neymar”)
- Mais ou menos, né “Neymar”, teve dias que foi bem difícil o trabalho.
- É.
- E se você recebesse você ficaria aqui? (“X” perguntou)
- Se eu recebesse? Talvez, se eu fosse contratada pela escola, pode ser. Mas não daria essa aula só para vocês, mas para toda sala.
- Da onde é esse trabalho? (perguntou “Ivaldo”)
- Da minha faculdade. Eu falo do jogo teatral, da importância da arte na educação. Eu acredito que a arte é importante para as pessoas se expressarem, traz alegria.

“Neymar” já estava cansado da conversa queria muito ver o vídeo novamente e falei:

- A minha mensagem para vocês é: aproveitem as oportunidades que as pessoas dão para vocês. Se continuarem da forma como vocês estão, vão parar sabe aonde? Na Fundação Casa. Um presídio onde ficam as

crianças presas. Ou então vão ser expulsos da escola. E o bicho vai pegar na casa de vocês.

- Não, a professora falou que aqui eles não expulsam a gente. (disse “Ivaldo”)
- Vocês que pensam, os professores estão bem cansados de vocês. A última aula que teve confusão, até eu me espantei com a braveza da professora.
- Não foi aquele dia que a professora falou... (disse “Ivaldo”)
- Vocês tem muitas qualidades. Eu falava para as pessoas o que vocês faziam na minha aula e as pessoas não acreditavam. Falei um monte de qualidades do “Ivaldo”, do “Caveira”. Sobre o “W” ficou um pouco difícil porque faltou muito, né? Falei do “Neymar” e de você “X”, que teve algumas coisas boas, não teve um comportamento muito legal, né “X”? (ele concordou com a cabeça).
- No começo, o “X” estava super entretido, legal. Aí eu não sei o que foi que aconteceu que ele se transformou...

Nesse meio tempo Arthur levantou, subiu na cadeira para arrumar o ar condicionado, pedi para parar, senão eu iria embora, mas ele obedeceu.

- Então gente, vocês não precisam bagunçar tudo.
- É, toda quarta-feira agora a gente tem reunião. (disse “Neymar”)
- A reunião, e aí? Como é que tá?
- Não lembro o nome...
- Justiça restaurativa. (eu disse)
- Eles falaram para eu, “Caveira” e o “Ivaldo” ficarmos mais juntos. (disse “X”)

- Vocês acham bom? Vocês acham que a reunião é boa?

Concordavam acenando com a cabeça.

- Aproveitem que vocês vão viajar. Olha que legal, viajar. A escola poderia muito bem como castigo tirar essa viagem de vocês. Imagina? Não é toda escola pública que tem viagem, computador, que deixa os alunos mais bagunceiros fazerem uma aula diferente...
- Não é mesmo! (disse “Neymar”)
- Está na hora de vocês reverem as coisas... Vocês não são mais crianças, vocês são adolescentes, certo?
- Eu não sou. Tenho 11 anos. (disse “X”)
- Logo, logo, você já vai ser (eu disse ao “X”). Mas, muitas vezes, se comporta como... Vocês querem ser o que na vida? O nada?

Já estavam dispersando e passei novamente o vídeo. Felizes, com um sorriso lindo no rosto viram de novo. Pena que “Figurinha” não estava, seria muito importante para ele.

Quando acabou o vídeo, me despedi dos meninos. Beije cada um e fui embora.

Agora sim. Havia finalizado bem o meu trabalho. Nada como o entretenimento para fazer diferença. Foi muito importante eles se verem, perceberem como podem ser melhores. Tenho certeza que agora sim, causei diferença no grupo.

9. CONCLUSÕES

Para finalizar, trago uma discussão em um palco imaginário de Arena em que a plateia (leitores) fica mais próxima. É um palco circular onde três pessoas tecem um diálogo: Augusto Boal, Viola Spolin e a autora.

Boal: *“Não somos daqueles que acreditam que todo ser humano é artista; que cada ser humano é capaz de fazer tudo aquilo de que um ser humano é capaz. Talvez não façamos tão bem uns como outros, melhor que outros, mas cada um pode sempre fazer melhor do que si mesmo.*

Eu sou melhor do que eu, melhor do que penso que sou, posso vir a ser melhor do que tenho sido, mais amplo, generoso, menos circunscrito a mim. Eu, o sentenciado; eu, o agente, o funcionário, o artista.

Artistas somos todos nós.”...

Ana: Assim como Boal, acredito que a Arte está intrinsecamente ligada à educação. Se não acreditasse que todo ser humano é um artista, que pode ser melhor, mais generoso, não teria feito esse trabalho com esses meninos. Tenho certeza que algo aconteceu. Não são mais os mesmos da primeira aula. Foram transformados. A forma como referiam-se a mim era outra, o respeito mudou.

Viola Spolin: *“Crianças com nível baixo de aproveitamento escolar podem ser as mais criativas durante as oficinas. Suas energias, infelizmente, podem não estar sendo requisitadas no currículo regular. Os benefícios do jogo teatral vão muito além de ensinar habilidades de performance para crianças.”*

Augusto Boal: *“Nós acreditamos que o ato de transformar é transformador: quando transformo, eu me transformo. Não como os animais, que também transformam a realidade, porém dentro de um projeto geneticamente determinado. Cada pássaro canta o seu gorjeio e não o alheio; o seu treinado, sempre o mesmo, é sem surpresas. Só com o ser humano, que é capaz de sonhar o futuro, nascem a Cultura, a Arte, a Ciência, a Invenção. Nasce a certeza de que um mundo melhor é possível. Todo ser humano é produtor de Cultura, porque cultura é toda ação transformadora realizada por homens e mulheres: não o que fazem, mas a maneira de fazer. Ser humano é ser capaz de criar Cultura...”*

Ana: *Mas para criarmos cultura é necessário criarmos laços, confiança no outro, liberdade...*

Viola Spolin: *“O primeiro passo para jogar é sentir liberdade pessoal. Antes de jogar, devemos estar livres. É necessário ser parte do mundo que nos circunda e torná-lo real, tocando, vendo, sentindo o seu sabor, o seu aroma – o que procuramos é o contato direto com o ambiente. Ele deve ser questionado, aceito ou rejeitado.”*

Boal: *“Fazer arte não significa apenas tocar um violão. Cavaquinho ou reco-reco: significa expandir-se. Expandir-se é a essência da vida. Desde a nossa maculada concepção, desde o embrião, nós temos que nos expandir no corpo e na alma. Conquistar territórios, físicos e espirituais entre os meios de fazê-lo, prima a Arte. Não só o teatro, mas a música, a pintura, a escultura, a literatura, a dança. Se o tempo do preso é livre, porque não escreve um poema?*

Uma obra de arte não é reprodução, é a representação da natureza e da vida social. Essa representação deve ser percebida pelo observador sem a qual a obra de arte é coisa, não Arte. Os girassóis de Van Gogh, como a maçã de Magritte, serão apenas flor e fruta se não percebidos na dimensão estética que os artistas lhe deram.

Porém, vejam bem: a maçã e os girassóis, quando ainda no pomar ou jardim, já haviam sido vistos pelos pintores como Arte, antes de serem pintados, antes de serem obras. Isso prova que

a Arte é o artista, ou nele está inscrita, e não o seu objeto, a obra de arte, que só será Arte se nela estiver inscrito o artista.”

Ana:

Misturar as linguagens é incrível! Trazer a plástica junto ao Teatro foi uma surpresa. Não planejava usar esse artifício em minhas aulas. Mas ela veio, deixei vir, mesmo não sendo uma especialista na área.

A primeira proposta foi na terceira aula: desenhos sobre o que gostavam, do que queriam ou os incomodava. Foram unânimes: campo de futebol, todos. Porém, cada campo com suas respectivas características e personalidades. Uns mais coloridos, outros somente o grafite, um os jogadores desenhados eram eles, esse grupo, com seus nomes escritos. Outro o campo era vazio, sem jogadores, apenas campo. Outro, não havia desenho, vazio, uma folha em branco, somente seu nome escrito. Um era sem jogadores, mas seus pais presentes, escrito ao lado do desenho de pauzinhos: pai e mãe e seu time preferido. Tem significado? Eu acredito que sim.

Desenhar seus corpos na 11ª aula, fazer criarem seus personagens, foi apenas um começo... queria ter feito muito mais, mas o tempo, entre outros, aspectos difíceis nesse processo não permitiu. Penso, lendo essas citações maravilhosas de Boal e digo:

- Porque não trazer um livro com quadros do Picasso, por exemplo, e deixar que as crianças observem os. O que quer dizer aquela obra de arte para você? Há cores? É bonito? Feio?

O que traz? Faça, represente-o. Crie uma cena que complemente a pintura, dê agora sua vida sua alma a ele. O que aconteceria depois?

Viola Spolin: “Nessa espontaneidade, a liberdade pessoal é liberada, e a pessoa como um todo é física, intelectual e intuitivamente despertada. Isso causa estimulação suficiente para que o aluno transcenda a si mesmo – ele é libertado para penetrar no ambiente, explorar, aventurar e enfrentar sem medo todos os perigos”

Augusto Boal: “Como se produz a obra de arte? Os sons andam por aí, rodopiando no espaço, aleatórios, e podem ser lembrados, recriados em nossa memória, inventados na nossa imaginação: sons reais ou imaginados – sabemos que a imaginação é uma forma de realidade. Tudo é real, o corpo e a alma. Se nós organizamos o som no tempo, estaremos inventando a música, pois que a música é a organização do som e do silêncio, no tempo.”

Ana: “A música foi presente em todas as minhas aulas... Começamos a dialogar por ela. Também não planejava a música como centro de minhas aulas, mas o grupo pedia, estava lá, presente o

tempo todo, era o interesse deles. Penetrar seus gostos musicais, ouvir o funk, trazer o funk para eles, dançar junto, cantar, foram meios importantíssimos para estabelecermos uma relação.

Escutar as letras de rap que “Caveira” inventava na hora era Arte, era criação de sua realidade e vivências. Dar espaço para o seu canto, para a dança com o outro, assim como a dança de “Neymar”, ainda livre, ainda criança, era lindo. Dançar para o outro, criar juntos é mágico. A dança de “Figurinha”, com gestos obscenos acompanhados de gestos infantis, dizia muito. A timidez de “Ivaldo” era explícita em seus gestos, porém, via tentativas de desvencilhar-se da timidez, com momentos em que dançava com o grupo e ria. Seu corpo grande, era o maior, estava adaptando-se a ele, atrapalhava-se um pouco com seu tamanho. Por isso um trabalho de corpo é fundamental.

Precisamos nos conhecer, e perceber nossas transformações, que são infinitas e sempre presentes. A todo momento estamos mudando, desde o embrião até a hora de nossa morte.

Queria muito ter feito eles deitarem um pouco, porque deitar, é estar consigo mesmo, é escutar o silêncio e perceber quantos elementos não achamos dentro dele, que são muitos, indescritíveis e para cada um tem uma conotação.

Perceber nosso corpo, penetrar em nossa alma, sentir nossa energia momentânea, deixar que ela percorra todas as partes do ser, estabelecer um contato com nós mesmo. Acalmarmos quando

precisamos pensar onde e em qual lugar canalizarmos mais energia. E qual energia é essa? Estabelecer contato com nós mesmos, é Arte, é auto conhecimento. Se nos conhecemos, estamos mais aptos para aceitar o outro, conhecer o outro. E, só assim, olhar nos olhos realmente, intensamente, penetrar na alma do próximo.

Augusto Boal: *“E o que são as artes plásticas, se não a organização das cores, dos traços e dos volumes nos espaços. E o que é o teatro, se não a organização das ações humanas, no espaço e no tempo? O artista organiza o mundo segundo a sua percepção subjetiva – esta é a nossa linguagem, por isso somos artistas e não cientistas: na hora da verdade, vale a nossa subjetividade, não apenas o teste de laboratórios. Quanto mais fundo penetrar dentro de mim mesmo, mais próximo estarei do Outro, meu semelhante...”*

Ana: *“Passar o vídeo do trabalho realizado com eles foi indescritível. Vi, na última aula, feições jamais vistas anteriormente. Surpreendi-me ao ver a euforia em que se encontrava “X”, um aluno que não se destacou muito, mostrava indiferença a mim, negava tudo que eu dizia, não queria muitas vezes fazer a aula. Pude ver nos olhos de “Caveira”, emocionados, vi mudanças nele, estava com um olhar transformado.*

“Ivaldo”, primeiro mudo, curioso, depois eufórico com as perspectivas abertas para ele.

“Neymar”, ria, ria, queria ver mais, ver sua dança, gostou de se ver. Gostou de sua imagem! Isso não é Arte?

Até mesmo “W”, que faltou bastante, estava surpreendido.

Pela primeira vez, consegui conversar realmente com eles, seriamente, escutá-los.

“Figurinha” não estava, uma pena, seria importantíssimo para ele...

A imagem, o entretenimento, foi uma forma que achei para abrir seus olhos, para perceberem como podem mais, como a vida pode ser melhor com Arte.

Trazer um vídeo diferente, com um som diferente, com imagens distorcidas, artísticos, fizeram sair um pouco do habitual, trazer novas perspectivas, ampliar a visão de si e dos outros.

A arte proporciona isso, ampliar o repertório, ver o mundo diferente mais bonito, mais suave, é por isso que insisto nela, inserida, entrelaçada à educação, sempre. Desde os bebês, com explorações do mundo, com os sentidos aflorados, sensibilizá-los com tintas, com frutas, com texturas, para assim, partir para a criança, para o faz de conta, para a representação, para o jogo dramático, para o jogo teatral, para a vida.

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, M. Ana **Arte educação no Brasil. Realidade hoje e expectativas futuras.** Disponível em: www.scielo.br/pdf/ea/v3n7/v3n7a10.pdf

Acesso em: 07/03/2011

Boal, Augusto, **Jogos para atores e não atores**, 14º ed, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

Boal, Augusto, **O Teatro como Arte Marcial**, Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

CARVALHO, Marina Miranda de. FALCÃO, Iara Fátima Fernandez e PINTO, Davi de Oliveira, **O curso teatro na educação (CTE) e os jogos teatrais de Viola Spolin: histórico e considerações**, Vol 7, Ano XVII, nº1, 2010, ISSN 1807-6971

JAPIASSU, Ricardo, **Metodologia do ensino do teatro.** Campinas, SP: Papiros, 6º edição, 2006.

JAPIASSU, Ricardo, **Jogos teatrais na escola pública**, São Paulo: Rev. Fac.Educa. V24 n2 jul/dez.1998

KOUDELA, Ingrid Dormien. **Jogos teatrais.** 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

REVERBEL, Olga. **Um caminho do teatro na escola**, 2 ed.São Paulo: Scipione, 2006.

SLADE, Peter. **O jogo dramático Infantil**. 2 ed. São Paulo: Summus, 1978

SPOLIN, Viola. **Jogos Teatrais na Sala de aula**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

SPOLIN, Viola. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva: Secretaria da Cultura, Ciências e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1979.